

Revista de Espiritismo

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

ÓRGÃO DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA

Metapsíquica - Esoterismo

Hipnomagnetismo - Ética

SUMÁRIO:

- Lel Aurea de Cristo** — DR. ANTÓNIO J. FREIRE.
A Glória de Vencer — D. MARIA O'NEILL.
Propaganda Espírita — PEDRO CARDIA.
A Morte — DR. JOSÉ DE BARROS E SOUSA.
As Justiças — CAPITÃO AUGUSTO FLORES.
Naturismo — ENGENHEIRO MANIQUE DE ALBUQUERQUE.
Crónica Estrangeira — PEDRO CARDIA.
Factos Supranormais — D. MADALENA FRONDONI LACOMBE.
Federação Espírita Internacional.
Bibliografia.
Revista das Revistas — (CATOLICISMO E ESPIRITISMO) — ANTÓNIO L. VILELA.
Noticiário.
Subscrição Pró-Federação Espírita Portuguesa.
Caixa de Propaganda.



Redacção e Administração:

RUA DA ASSUNÇÃO, 58
LISBOA
PORTUGAL

Número avulso 3\$00

Revista de Espiritismo

Metapsíquica - Esoterismo

Hipnomagnetismo - Ética

ÓRGÃO DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA

Administradores: { *Vasco Infante da Camara*
Raul Zagalo Fernandes

Redacção e Administração: RUA DA ASSUNÇÃO, 58 — **LISBOA**

Comissão Directiva: *Dr. Afonso A. Martins Velho — Dr. Adolfo Sena — Dr. António J. Freire — António L. Vilela — Alberto Zagalo Fernandes — Dr. José Neves J.^{or}.*

Secretário de Redacção: *Pedro Cardia.*

Redactores: *D.^{ra} Amélia Cardia — D. Maria O'Neill — D. Madalena Frondoni Lacombe — D. Maria Veleda — Conselheiro Dr. João José da Silva — Dr. Carneiro de Moura — Dr. João Antunes — Dr. Évora Macedo — Dr. Amílcar de Sousa — Capitão A. Carnell — Prof. Arantes Pereira — Engenheiro José A. Manique de Albuquerque — Joaquim Quintela Paixão — Manuel Cavaco — Ramiro Guedes de Campos — Fernando Almiro N. Vale — Carlos dos Santos Paiva — José M. Pereira Bravo — Capitão de Fragata Severiano Ivens Ferraz — Capitão José B. Pinto da Silva — Capitão Augusto da Silva Flores — Capitão Eurico de Castro Zuzarte — Tenente Manuel Caetano de Sousa.*

ASSINATURAS

Portugal Continental e Ilhas Adjacentes .. (escudos)	15\$00
Colónias Portuguesas..... (>)	20\$00
Brasil..... (moeda brasileira - réis)	10\$000
Estados Unidos da América do Norte.... (dolares)	\$1,50
Estrangeiro..... (francos franceses)	30

As assinaturas são anuais e pagas adiantadamente

DEPOSITARIOS

LISBOA — LIVRARIA AILLAUD & BERTRAND — Rua Garrett, 73-75

PORTO — LIVRARIA MOREIRA — Praça da Liberdade, 44

COIMBRA — LIVRARIA COIMBRA EDITORA, L.^{DA} — Rua Ferreira Borges

BRASIL — Agente Geral: Sousa do Prado - R. do Senado, 12 - RIO DE JANEIRO

Este número foi visado pela comissão de censura de Leiria.

Revista de Espiritismo

Orgão da Federação Espírita Portuguesa

Lei Áurea de Cristo

*Ama a Deus sôbre todas as coisas
e ao próximo como a ti mesmo.*

DOS EVANGELHOS

No incessante e contínuo evoluir da Humanidade, através da História da Civilização, ao despontar de cada ciclo evolutivo, aparece, invariavelmente, um Grande Instrutor, um Iluminado, um Super-Homem, impondo-lhe pela palavra e pelo exemplo as regras da sua conduta moral para a sua missão histórica, rasgando-lhe o *Caminho da Redenção*.

Leis cíclicas e periódicas dominam e orientam, simultaneamente, tôda a evolução da matéria e das almas, desde o microcosmo ao macrocosmo, num sincronismo perfeito e harmónico, através das infinitas e complexas modalidades da vida e dos aspectos variados da natureza, procurando, em ciclópicos impulsos, restabelecer o equilíbrio perturbado ou acelerar o movimento evolutivo.

Foi assim no passado, é ainda no presente e será também no futuro, numa seriação de lógica continuidade, através do infinito e da eternidade, nas curvas oscilantemente ascensionais do progresso humano, oscilações resultantes do nosso livre arbítrio e da nossa consciência moral, variáveis no espaço e no tempo como função das nossas etapas evolutivas para uma ascense supra-humana.

Tôda a nossa evolução, no seu tríptico aspecto — moral, emocional e mental — na ânsia ingente da conquista do Bem, do Belo e da Verdade, se debate nas lutas titânicas entre a dualidade irreductível — irreductibilidade, talvez, só aparente — do espírito e da matéria.

O corpo físico corporiza a alma, como a alma corporiza o espírito: — é o ternário humano na sua concepção mais simplista, já enunciado nitidamente pelo grande apóstolo S. Paulo.

A alma é o veículo e instrumento do espírito que só assim se poderia expressar convenientemente nos mundos subjacentes ao plano divino, no domínio vasto e misterioso do astral, no seu sentido mais lato; — como para o plano físico o nosso corpo material representa o instrumento grosseiro de que o espírito se serve para operar no nosso planeta através das vibrações anímicas, sendo a alma o clássico *mediador plástico* entre os dois polos da natureza humana: — espírito e matéria.

A noção dos fluidos explica-nos as degradações da substância na sua decrescente quintessenciação que vai do espírito à matéria planetária mais densa, numa involução metódica e gradual, veiculizando-se de camadas fluídicas sucessivamente mais condensadas, correspondentes aos diferentes planos da natureza, que vão já dentro do nosso conhecimento experimental — do mental ao emocional — numa interdependência resultante da lei da analogia e da homogeneidade de composição.

Por outro lado, o conhecimento e aplicação dos movimentos vibratórios, atra-

vés do clássico éter e dos modernos *metéteres*, explica-nos, pela lei da correspondência, a intercomunicação e solidariedade entre todos os planos da natureza, quer entre os diferentes corpos do homem, quer, ainda, entre o macrocosmo e o microcosmo, numa correlação integral e harmónica do Homem com todo o Universo.

Sejam quais forem as múltiplas e infinitas modalidades da matéria, sejam quais forem as inúmeras e complexas diferenciações dos seres, linhas de força os solidarizam na mesmíssima origem e finalidade, regidos pela mesma lei da evolução espiritual, donde deriva e concepção transcendental da **Unidade** no seu mais belo e alto significado, lógica finalidade de todas as manifestações e realizações da nossa evolução morfológica e espiritual.

Nesta directriz, ainda que mal esboçada, pela sua complexidade e transcendência, há, talvez, possibilidades para uma fusão harmónica do monismo materialista com o idealismo puro, sem cairmos no árido e esterilizante panteísmo naturalista.

O seu antagonismo sistemático é apenas derivado do facto de estudarem o Universo e o Homem, desconjuntada e fragmentariamente, sob ângulos diversos e limitados, examinados mais em superfície do que em profundidade.

A análise fornece à nossa observação detalhes minuciosos da forma, ainda que pouco avançando além da morfologia; em compensação a síntese dá-nos o conhecimento da essência, do **Real**, como causa eficiente da vida de que a forma é apenas o efeito transitório e efémero, numa aparência irreal, deformada pelos nossos limitados sentidos físicos.

O nosso século é essencialmente científico porque é analítico; o século futuro será essencialmente filosófico porque será sintético.

O estudo analítico rebaixa-nos à mais degradante *separatividade*, individualizando-nos num feroz egoísmo utilitário, enquanto o estudo sintético nos eleva à **Unidade**, expressão máxima da abnegação e do altruísmo, máxima expressão da perfectibilidade humana, onde se dinamiza toda a nossa finalidade evolutiva no seu mais nobre e elevado significado espiritual.

A noção da Unidade cósmica é um dos meios mais seguros e lógicos para subirmos à concepção da Divindade.

* * *

Cristo é o maior expoente da nossa humanidade, porque foi aquele que melhor soube enunciar e exemplificar esse princípio divino da Unidade, base de toda a nossa evolução espiritual através da fraternidade e da abnegação, proclamando a lei áurea do duplo amor — divino e humano — fundindo toda a Humanidade numa só alma, para a elevar em ondulações de gratidão e de espiritualidade até Deus — foco onisciente de toda a Luz, foco onipotente de toda a Vida.

Numa visão scientemente profunda, Jesus compreendeu que dois abismos separavam os corações e os cérebros de toda a humanidade, numa derrocada de sangrentas lutas fratricidas, ensopadas de ódios e retaliações cruentas: — o egoísmo e o orgulho.

Da sua alma, tecida de Luz Divina e de bondade super-humana, fez sangrar, numa exemplificação magnânima, o bálsamo consolador para tantos males e misérias de que enfermava e enferma a Humanidade, opondo àqueles dois terríveis tóxicos os seus mais salutareos e preciosos antídotos: — **a humildade e a caridade**. Mas a humildade cristã não significa a subserviência da doblez hipócrita, nem a covardia degradante dos poltrões. A humildade apregoada e exemplificada por Jesus, é essencialmente tolerante, digna, compassiva, constituindo o mais potente baluarte para impôr a paz nas nossas consciências delirantes de combatividade egoística, na ânsia indómita do predomínio das nossas personalidades orgulhosas.

Assim também a caridade — pedra angular do Cristianismo integral, *em espírito e verdade* — não tem, no puro conceito de Jesus, a tórpe significação exhibicio-

nista que campeia na nossa sociedade em aspectos, mais ou menos, exclusivamente materiais. A caridade cristã tem um significado mais amplo, elevado e nóbre, voejando em suaves e ternas ondulações de perdão, amor e abnegação até à Renúncia, máxima expressão da Lei do Sacrifício, tendo por símbolo o Gólgota.

E, assim, a humildade e a caridade, na concepção e exemplificação de Cristo, são os dois polos onde gravita tôda a doutrina redentora de Jesus, formidáveis alavancas da regeneração desta Humanidade, e as mais poderosas molas propulso- ras de tôda a nossa evolução espiritual.

* * *

Praticamente, Cristo representa para a nossa civilização a expressão máxima da perfeição. E' um limite luminoso dentro da nossa acanhada evolução moral, muito embora teóricamente possamos admitir as mais extraordinárias possibilidades super-humanas na plena e efectiva dinamização dos poderes divinos latentes no nosso espírito, scentelha divina escravizada nas profundidades recônditas do nos- so sêr — potencial, por enquanto, inerte e inactivo, comprimido pelos nossos vícios e paixões animalizadas.

A crassa ignorância dos nossos domínios espirituais esmaga a sociedade con- temporânea, conturbando-a em paroxismos de orgulho e de egoísmo, numa finalida- de, tecida de materialismo e de descrença.

O scepticismo impera nos cérebros, assim como o utilitarismo nos corações.

Soberana só a sciência. Essa sciência farfalhuda e liliputiana que dogmati- zou, *ex cathedra*, os limites mínimos de cada vida, fazendo desenrolar todo o drama humano, sòmente desde o berço ao túmulo, limites máximos da sua cegueira e do seu obscurantismo, ou, mais precisamente, do seu comodismo, porque a negação é, evidentemente, a mais cômoda atitude da inteligência humana.

Ao pirronismo da sciência oficial e catedrática, opôs o Espiritismo, como ló- gica e evolutiva reacção, êsse admirável e fecundo manancial do seu variado e com- plexo experimentalismo, orientado no método do positivismo clássico, em que prova, clara e insofismavelmente, a sobrevivência da alma humana, at avés duma fenome- nologia proteiforme, assumindo aspectos de verdade incontrovertida.

Sendo a origem e finalidade humanas os problemas máximos da sciência e da filosofia, raízes básicas de tôda a nossa evolução, único critério determinativo para orientarmos racionalmente as nossas melhores atitudes evolutivas, fácil é com- preender o altíssimo e decisivo alcance da demonstração experimental da sobrevi- vência da alma humana, através da fenomenologia variada e complexa do expe- rimentalismo espírita, desde a desmaterialização da matéria física às materializações dos desencarnados, impròpriamente chamados mortos.

Este facto seria mais do que suficiente para impôr o Espiritismo ao respeito e consideração de todas as sciências e de todas as filosofias, e até de todas as reli- giões, limitadas na sua actividade especulativa a simples jogos malabarescos nos domínios da escolástica, da abstracção, e da metafísica, incompatíveis com o método positivo e experimental clássico.

Mas o Espiritismo, essencialmente conseqüente e progressivo, não se limita a despedaçar a gargalheira sufocante com que a sciência negativista oprimia a alma humana, fixando-lhe os estreitos limites que vão do berço ao túmulo, subverten- do-a num turbilhão de composição celular. Num vôo audacioso de lógica e de raci- ocínio, o Espiritismo ultrapassou os mesquinhos limites de cada vida humana, para descortinar os vastos e profundos mistérios do além-túmulo, rasgando à morte novos e imprevisos horizontes, através do infinito e da eternidade, em que desfila tôda a nossa evolução multimilenária, numa seqüência lógica e justa de causas e de efeitos, intimamente solidários, expressos na admirável Lei Kármica, onde pal- pita tôda a essência da Justiça Imanente, fonte germinal da harmonia dos universos.

Os problemas perturbantes das concepções antagónicas do determinismo e livre arbítrio, focados à luz scintilante do Karma, tomam uma nova feição, e todo o seu mecanismo, paralelo na evolução anímica, tem uma explicação cabal, completa, com um valor axiomático.

O homem é escravo do seu passado e soberano senhor do seu futuro, radiante de possibilidades divinas.

Em cada vida há o fatalismo expresso na eclosão dos efeitos derivados, logicamente, das causas semeadas nas nossas vidas anteriores: mas, em compensação, do nosso livre arbítrio depende, unicamente, em cada vida semearmos novas causas, cujos efeitos serão colhidos, ulteriormente, nas nossas vidas futuras.

Como dissemos, o determinismo e o livre arbítrio caminham, harmónica e paralelamente, num perfeito equilíbrio, regido pelas leis naturais que ligam a causa ao efeito, dramatizando todas as nossas curvas evolutivas, flutuantes no eterno dualismo do Bem e do Mal.

Cada vida é, pois, como já dissemos algures, — « *o fruto do passado e o germen do porvir* ».

Na grande e admirável Lei da evolução espiritual está consubstanciada toda a estrutura do Espiritismo, tendo como leis básicas, ainda que subsidiárias da primeira: — as leis reincarnacionista e kármica. E como directriz de toda a nossa evolução espiritual, a Lei do dever, expressa na **Lei áurea do amor**, definida e exemplificada por Cristo. E' a lei, por excelência, do resgate e da redenção, onde está condensada toda a ética na sua mais bela e nobre amplitude.

E' a bússola segura e paternal que, dominando os vagalhões das tempestades da vida, nos conduz aos páramos da celestial bemaventurança.

E' o farol bendito que nos ilumina na floresta espinhosa e emaranhada da vida terrena.

E' o bálsamo suavizante e consolador das agruras na estrada tenebrosa da vida planetária, na sucessão lógica e justa da pluralidade das nossas existências.

E' a explosão do amor divino, ecoando nas nossas consciências adormecidas.

E' o símbolo augusto da fraternidade universal, tendo como resultante a Unidade em Deus.

E' a mais curta distância que nos leva à Perfectibilidade.

E' a cúpula sacrossanta de todo o grandioso edifício que o Espiritismo soube construir, desafiando o espaço e o tempo, porque do seu bendito seio irradiam as mais luminosas verdades que regem a consciência humana e toda a nossa evolução espiritual.

*

...E do Gólgota — a tragédia máxima da Humanidade — ecoa ainda: — **não perdoes só ao teu inimigo, ama-o também...**

ANTÓNIO J. FREIRE

A Glória de Vencer

Como se pode amar uma vida tão cheia de amargura e de miséria?

(C. XX DA S. III DA IMITAÇÃO DE CRISTO)

O caminho é erizado de espinhos e todo aquele que, desiludido do mundo, procura, no seu íntimo, vencer as atracções da Terra, vê-se, a cada passo, succumbir ao desânimo motivado pela própria fraqueza e pela atitude de quantos o rodeiam. Tôda a gente acredita na sinceridade dos que tomam o mal francamente por norte, mas desconfiam e aborrecem os que querem enveredar pelo caminho do bem. A honestidade é tão pouco interessante sob qualquer aspecto que o mundo a encare! Assim todo aquele que procura seguir é desviado a todo o momento do seu curso, quando mais não seja pelo pensamento alheio que inconscientemente actua nêlo movido por várias fôrças.

E' vulgar que o bem que nos desejam e os bons pensamentos que nos enviam não possam passar através da carapaça de matéria grosseira em que os nossos actos nos envolvem e isso é um motivo de grande tristeza para os que desejam o nosso progresso. Não basta reconhecermos as nossas fraquezas, as nossas misérias, o perigo constante em que vivemos de nos deixar de novo dominar pelas paixões; é preciso mais, muito mais. Devemos humilhar-nos na meditação e no exame diário da consciência, criar firmes propósitos de emenda. A cada vício que queremos arrancar de nós, rebelam-se os cultores do mesmo vício tão fortemente que é difícil que tenhamos a coragem de o dominar e são mais os pensamentos dos que êle vence que imperam em nós do que o próprio vício com o qual nos seria, a sós, relativamente fácil a luta. Quando o desânimo impera não há ninguém que não diga: «Mas pode chamar-se a isto viver? Desgostos, tentações, lágrimas, cair e erguer, combater as paixões e resistir aos desejos desregrados do coração, eis aquilo que é morte contínua e a que nós chamamos vida com grande impropriedade de expressão. Mas é nesta morte contínua que está a preparação da vida real, é nela que está a imolação constante, nela que está a origem da renúncia».

Ai, como o mundo compreende mal aqueles que começam a compreender Deus! Quanto mais uma criatura ama, segundo o espírito, mais procura vencer as atracções da matéria. *A pureza é tudo na vida espiritual* e, aqueles que o reconhecem, procuram tirar de si o maior esforço. Não extinguindo as paixões, mas modificando-as, fazendo desaparecer o que há nelas de material e desenvolvendo-as na parte superior e espiritual.

Disse o grande Aristóteles que pensar é uma acção divina. Frase linda, mas que não é perfeitamente exacta. Pensar, tanto pode ser uma acção divina como uma acção satânica, no sentido vulgar que atribuem a esta palavra.

Todo o pensamento que nos desvia da Lei do amor é destrutivo, todo aquele que nos aproxima é construtivo e o mesmo pensamento pode ser para um sêr caminho de perfeição e para outro de retrocesso. Depende do grau evolutivo dos que lhe criarem a forma ou o aceitarem por seu.

Também é muito vulgar, sôbre tudo ao princípio, confundirem a impulsão com a intuição e prejudicarem-se obedecendo prontamente por julgarem que se trata duma inspiração de qualquer espírito superior.

E' preciso pôr cuidado na introspecção e então não haverá engano possível. A impulsão vem-nos do corpo astral, a intuição é uma parcela de conhecimento emanada do Ego e a inspiração é-nos dada por o nosso espírito guia ou por qualquer outro que se interesse por nós em bom ou mau sentido. Saber discriminar

estas cousas é absolutamente necessário a todos aqueles que encontram em si a constância precisa para se não deixarem abater pelas tempestades da vida.

Chega depois uma etapa em que o sofredor conhece o que todos pensam a seu respeito. Vê-se mal julgado, incompreendido e não tem o direito de se defender. E são os seres que mais ama, aqueles pelos quais tudo sacrificaria, os que pior o julgam, os que mais o repelem! Nessa altura êle, aniquilado, mas não morto ainda, repete do coração a célebre frase: «Quem me dará as asas dum verdadeiro desprendimento para voar para Vós, Senhor, e repousar no vosso coração?» E o Senhor, vendo o pecador contrito e humilhado, amando na maior pureza e na compreensão o sentimento da Unidade, mandar-lhe-há a consolação do pranto, a maior de todos aqueles que ainda se debatem na dôr. Tristes são os que já não têm lágrimas e atravessam o fogo devorador da luta sem a bênção desse orvalho divino. Sentindo-se só, entre todos, tendo renunciado a tudo que ainda querem, fazendo esforços inauditos para dominar a matéria, logrando vitórias e sofrendo derrotas, acabam por olhar com indiferença os juízos alheios e por se volverem para Aquele que *nunca repudia* um coração contrito e humilhado.

Nada se perde nem dos nossos actos nem dos nossos pensamentos, tudo está arquivado e o que nos pode consolar na hora da desolação é que *aqueles que sabem vêr através de tudo* nos julgarão com imparcialidade e misericórdia.

O mundo e os que nêle andam, olhados como uma continuação do nosso sêr, são dôr, mas não ofensa. Todos são nossos mestres por ignorantes que sejam, todos nos fazem evoluir. Habituem-nos a pensar que não há um gemido sincero que não chegue ao coração do Pai.

E odiando apenas no mundo é estar em desacôrdo com a Lei, acabaremos por sentir a glória de vencer a natureza inferior e exclamarmos com convicção: «E' preferível morrer a transgredir a Lei. A dôr de ter faltado é a pior que existe e a consequência do êrro o seu maior castigo. São inúteis as leis dos homens. Todo aquele que quizer prestar um valioso serviço ao seu semelhante aconselhe-o à introspecção enumerando-lhe os seus imensos benefícios e, por cada sêr que adquira êsse excelente hábito, êle terá a mais pura das alegrias: — a de bem ter servido sem desejar retribuição. Quando chegar a hora derradeira não aparecerá de mãos vasia ante o Supremo Juiz para o qual a glória de vencer se resume em servir a humanidade com a mais pura e santa das isenções.»

MARIA O'NEILL

Propaganda espírita

O critério seguido pelos adeptos duma causa, duma crença, de qualquer idéa enfim, influi poderosamente na expansão dêsse mesmo ideal, segundo a adaptação inteligente com que os seus propagandistas ajustarem as suas idéas às do meio em que tenham de germinar, crescer e desenvolver-se. Sem essa orientação, a mais justa e elevada concepção sossobrará de encontro à barreira invencível da intolerância, da ignorância e do preconceito.

Devem pois seleccionar-se dentre os adeptos de qualquer crença para seus propagandistas, os indivíduos de espírito tolerante, reflectido e razão clara para escolher as idéas que, no meio em que se encontrem, possam nêle achar simpatia, eliminando sistematicamente todas as que provoquem uma brusca hostilidade.

E' preciso ter sempre bem presente que não é possível levar alguém a um convencimento sincero a não ser por uma infiltração lenta e gradual da idéa evangelizada, que não provoque um choque violento e intempestivo contra as habituais modalidades intelectual, sentimental e afectiva do percipiente, princípio êste tão bem sintetizado no prolóquio latino: *natura non facit saltus*.

Vamos referir-nos em especial ao Espiritismo, ideal sublime que nos empolga pela grandiosidade das suas concepções, e que, como todas as grandes verdades, só tem encontrado dificuldades e malquerenças na sua aceitação oficial, embora se vá infiltrando lenta mas seguramente, em todas as camadas sociais, pela força da evidência.

Há que estudar os caracteres dos seus opositores, a-fim-de que a sua divulgação seja ainda maior, condição esta essencial para que a felicidade humana cresça proporcionalmente.

A grande plasticidade da doutrina espírita, tolerante para com todas as religiões a que alarga todavia enormemente o âmbito, presta-se a uma difusão imensa, factor que, como disse, aumentará correspondentemente as faculdades elevadas do sentir humano com os seus relativos benefícios.

Em virtude das anteriores considerações, entendemos pois que não se pode falar a um materialista como a um indivíduo fanatizado por idéas religiosas; nem a um homem penetrado da injustiça das desigualdades sociais como a um que vegeta sem procurar saber o que é, donde veio e para onde vai.

Consideremos o primeiro caso: o do materialista.

As mais modernas hipóteses relativas à constituição da matéria que por elas fica inteiramente dependente dum dinamismo ignorado, fornecem-nos preciosos argumentos com que faremos ruir o mais sólido baluarte de descrença e ateísmo.

Reduzindo-se a matéria em última análise, a múltiplas e variadas combinações de partículas que pelo seu número e natureza constituem os diversos elementos e provada como está a transmutação de alguns dêles pela substituição ou eliminação de certas dessas partículas, cuja origem é todavia idêntica, chega-se à conclusão de que, na base primordial de todos os corpos, encontramos sempre o fluido omnipresente que os físicos designaram pelo nome de éter e a que um notável filósofo materialista, Haeckel, concedia atributos divinos.

Sem que perfilhemos essa teoria, não nos repugna acreditar que o éter seja realmente um aspecto da Divindade — o Aspecto Essência — que accionado por uma força vitalizante — o seu Aspecto Energia — Vida — determine a formação de todos os seres, que necessariamente hão-de reflectir o terceiro aspecto por que a Divindade se nos revela — o Aspecto Espírito.

Os nossos esforços deverão pois tender para fazer destrinçar as características íntimas da mónada, das suas propriedades externas e materiais, fazendo compreender ao nosso opositor, como podem coexistir simultâneamente em todos os organismos a matéria e o espírito que nitidamente se revelam a quem ponderadamente analise as enormes diferenças que distinguem os fenómenos físicos dos psíquicos.

Nestas bases de raciocínio, a existência de Deus será fácil de abordar porque na maior parte das vezes a controvérsia a êste respeito se funda apenas na interpretação de vocábulos, originada quási sempre nas concepções erróneas que se tem feito da Entidade Divina.

Deus e o Grande Architecto identificam-se muito mais fácilmente do que em geral se pensa. E' um jôgo de palavras e não de idéas. Porque reconhecer em tudo o que existe uma potentosa orientação de conjunto, em que leis sábias se revelam em todas as manifestações da vida, digam elas respeito à vida organizada ou sejam affectas às combinações das suas partes componentes, isso não representa mais do que aceitar a existência dum Criador e a limitação das nossas potencialidades em tudo subordinadas a uma entidade inacessível aos poderes finitos da intellectualidade humana.

Quanto mais se alargar o património do saber, mais vasto se apresentará o domínio do desconhecido que fatalmente há de fazer ponderar ao homem a sua ignorância e as suas fracas possibilidades criadoras, adstritas apenas à aplicação e coordenação dos princípios descobertos na natureza — mina inexgotável onde se acumulam tesouros incalculáveis, fonte perene donde dimana linfa inexaurível e vitalizadora, imenso livro sempre aberto aos investigadores, que nêle encontram cada vez mais que aprender.

Constituem todavia essas faculdades que elevam o homem acima de todos os outros sêres, motivo bastante para afirmar a scentelha divina que se revela através dessa escala imensa da progressão infinita na conquista da perfectibilidade.

Os contrastes do infinitamente grande e do infinitamente pequeno, em que com minuciosa observação se reconhecerá uma analogia portentosa, levarão igualmente a humanidade a ser menos vaidosa de si ao ponderar como é minúsculamente pequena em face das grandiosas maravilhas que a cercam.

E' hipótese hoje geralmente aceite, a concepção do átomo como sendo constituído semelhantemente aos sistemas planetários, por núcleos em volta dos quais se movem com velocidades prodigiosas partículas inconcebíveis pela sua pequenez, descrevendo órbitas análogas às dos planetas em tórno dos sóis de que haurem a vida. Alargaram-se as concepções de quantidade ínfima de matéria do *átomo* para o *electrão*, do *electrão* para o *protonte*.

No campo da vida organizada igualmente se alargam imensamente os horizontes do infinitamente pequeno, sem que seja praticamente possível fixar os limites entre os três reinos da natureza, tão idênticas similhaças e afinidades se encontram nos seus confins extremos. Em minuciosos trabalhos laboratoriais, estudam-se as hormonas, os fermentos e as vitaminas, descobrem-se os parasitas dos micróbios, formas filtrantes quási impossíveis de revelar pela incapacidade dos instrumentos de investigação, apenas demonstradas pela sua acção indiscutível sôbre êsses microscópicos organismos.

As grandes teorias científicas, sôbre a apreciação inteiramente limitada às nossas relativas faculdades analíticas e de observação, que por se exercerem num campo limitadíssimo, não podem ser a expressão da realidade, obrigam o homem de boa fé, também por analogia, a acreditar absolutamente que a grande obra da Criação é prodigiosamente bela e inexcedível de perfeição em todos os seus aspectos, detalhes e minudências.

E', pois, encarando bem de frente o problema materialista, socorrendo-nos das mais modernas hipóteses e descobertas, e comparando as fôrças cegas e fatais resultantes de vários estados da matéria com aquelas fôrças que, por conscientes e

individualizadas, representam uma manifestação do espírito, que se convencerá um sectário desta doutrina a considerar-se alguma coisa mais que um amontoado de moléculas de vários compostos que se desagregam no momento da morte.

E' necessário fazer-lhe ponderar criteriosamente a conceituosa frase do padre António Vieira: « *Quereis saber o que é a alma? Olhai para um corpo sem ela* ».

Chamando-lhe a atenção para aquelas manifestações incontrovertidas do espírito humano, *telepatia, sonambulismo, televisão*, que revelam irrefutavelmente a existência dum fluido imaterial análogo inteiramente na sua propagação às ondas hertzianas, como o procurou demonstrar recentemente o professor Cazzamali; demonstrando-lhe as incoerências e a inanidade das doutrinas positivistas na explicação de todas as manifestações do sentimento e da justiça. Não será por vezes de todo impossível abalar seriamente os raciocínios aparentemente mais bem deduzidos, se forem sustentados de boa fé e sem *parti pris*.

Só depois de conseguir um pouco neste sentido se poderá começar a iniciar o doutrinando nos trabalhos notáveis de sábios ilustres a quem a ciência muito deve, citando-lhe nomes e algumas das suas mais notáveis descobertas, sobre as ciências metapsíquicas e suas conseqüências para a demonstração cabal da alma humana.

*

Cabe aqui falar da orientação a dar às experiências espíritas para resistir a esta classe de opositores.

Um dos deveres que mais se impõe aos espíritas esclarecidos é a conciliação das suas doutrinas com as mais modernas descobertas científicas; zelando o seu Ideal de modo a procurar pô-lo sempre de acôrdo com essas conquistas da humanidade, tem de ir buscar a todas as fontes do saber humano os dados que corroborarem as elevadas concepções que constituem a filosofia do Espiritismo.

Doutrina de verdade, não pode deixar de se identificar com todos os progressos que representem realmente um avanço de conhecimentos.

Eis porque é necessário, a nosso ver, estudar em todas as manifestações espíritas as forças físicas utilizadas para a produção desses fenómenos de modo a integrá-los como uma manifestação de forças ignoradas, num grupo de ciências que, pela sua importância imensamente grande, se imponha à consideração de todos os que, acima de preconceitos de escola, procuram a verdade.

E para o futuro da humanidade é dum alcance prodigioso todo o estudo metódico e bem dirigido que se encetar sob esta orientação. Porque, inegavelmente, logo que se conheçam as forças de que se servem os espíritos nas suas comunicações, estes fenómenos passariam a ser olhados com maior benevolência pelos pertinazes materialistas, que talvez lhes não negassem o seu concurso se porventura lhes apresentassem assentando em leis que tenham como indiscutíveis. E' esse o papel que a metapsíquica é chamada a desempenhar.

Sob o ponto de vista moral, a demonstração cabal e irrefutável da existência da alma e das suas manifestações, leva implicitamente a admitir o reincarnacionismo com as suas imediatas conseqüências traduzidas pela lei da acção e da reacção. E esta lei, extensiva ao mundo moral, é o primeiro passo para que o desregramento e a baixezza que tanto pesam sobre esta pobre humanidade se transformem no desejo de elevação moral capaz de operar na sociedade aquela dignificação que, como moralistas, todos lhe desejamos.

* * *

A condição primordial para apostolizar com vantagem a doutrina espírita é essencialmente dependente do indivíduo que se deseja doutrinar.

Se êle estiver encerrado num estreito dogmatismo, seja científico, filosófico ou religioso, a sua intolerância nunca permitirá alcançar resultados positivos. E' en-

tão necessário aguardar uma daquelas crises morais que afectem profundamente o sêr nos seus recessos mais íntimos, para que o orgulho, enfraquecido pela dôr — companheira amiga e inseparável do homem que burila e aperfeiçoa — seja vencido pela humildade e pelo amor. São estas as grandes virtudes em volta das quais devem girar os raciocínios que fundamentem a propaganda entre os indivíduos parciais de qualquer seita.

Todas as religiões contem essas virtudes porque elas são os alicerces de toda a lei moral. E no fundo de todas as crenças religiosas existem os mesmos princípios obscurecidos por dogmas que defendem os interesses sacerdotais em desprestígio da autoridade religiosa.

Aparecem desde a mais remota antiguidade na doutrina dos Vedas, depois deturpada pelos bramanes que em seu exclusivo benefício cerceiam as liberdades fundando uma teocracia intolerante; refulgem nas doutrinas de Buda que, penetrado das injustiças e iniquidades bramânicas, surge a prègar aos homens o domínio das suas paixões, exaltando as excelsas virtudes da fraternidade, e ensinando-lhes o meio de alcançar o Conhecimento pela purificação do sêr; brilham na obscuridade dos templos egípcios, onde, deduzidos da visão de Hermes, são explicados aos iniciados que os vão espalhar pela Pérsia sob a inspiração de Zoroastro; na Grécia são introduzidos por Orfeu e esclarecidos por Pitágoras, Sócrates e Platão; transparecem nos salutares preceitos de Moisés, monoteísta; resplandecem, finalmente, no Cristianismo onde não perdem o sentido oculto a-pesar-de se revelarem nas singelas e elevadíssimas expressões de caridade e amor exemplificadas por Cristo.

As religiões teem aparecido em períodos vários da evolução da Humanidade, adaptadas à cultura dos povos e sempre que o senso moral se encontra embotado. Visam todas a estabelecer códigos que regulem a conduta dos homens, fortalecendo-lhes a crença na ãmortalidade, mesmo no estado selvagem. Há porém em todas elas, inclusivamente no Cristianismo, um aspecto exterior e um aspecto oculto reservado exclusivamente aos iniciados. E era natural que assim fôsse, porque, sendo essas doutrinas extraordinariamente elevadas, com conceitos filosóficos de grande alcance e ao mesmo tempo repositórios de conhecimento dos poderes ocultos do homem sôbre as fôrças da natureza, não podiam ser espalhadas indistintamente, por incompreensíveis às grandes massas e por se tornarem perigosas quando utilizadas pelos mal intencionados.

Aos seus próprios discípulos não revelou Cristo toda a verdade, como se pode concluir dos versículos 12 e 13 do capítulo XVI dos evangelhos de João, pela impossibilidade de a compreenderem, prometendo contudo à humanidade êsse ensinamento posterior, no advento próprio com a insuflação do Espírito de Verdade. Todos os que trabalham para a evolução moral da humanidade devem dar-se as mãos praticando um dos mais belos preceitos da verdadeira doutrina: a *Fraternidade*.

O que lógicamente aconteceu a todas as concepções religiosas, foi alterarem-se ao sabor dos seus sectários em corpo de doutrinas incoerentes pelos seus pontos de vista contraditórios.

Em nome dum Deus amesquinhado e antropomófico para ser compreensível à maioria dos adeptos, alcançavam beneplácito pela sua tolerância com as tendências materiais a que davam satisfação.

Em oposição às elevadas concepções da Entidade divina, inacessível pela sua Omnipotência e Omnisciência às limitadíssimas faculdades do homem, a interpretação mesquinha e depreciadora das doutrinas prègadas por êsses luminares que teem brilhado por momentos na vida da humanidade, ministrando-lhe a sua real instrução, é a origem do descrédito das religiões.

A-pesar-dos seus erros, e exactamente porque todas as religiões contem na sua essência as leis morais em maior ou menor sublimação, segundo o meio, a épo-

co e o lugar em que tinham de evoluir, elas são crêdoras de todo o nosso respeito.

E' pois com carinho que devemos abordar a propaganda espírita junto dos seus prosélitos dedicados de modo a não ofender convicções, que, sendo sinceramente professadas, são dignas da nossa máxima consideração e contribuem para a dignificação dos seres, nossa aspiração última.

Há porém dúvidas que intimamente surgem e se não ousam confessar, em muitos dos mais sinceros e fervorosos adeptos das religiões vigentes.

E' por essas pequenidas fendas que teremos de introduzir o buril com que havemos de modelar e aperfeiçoar. Porque se êsses pontos obscuros não forem razoavelmente explicados e coados através do prisma da verdade, que os decompõe em raios de justiça, bondade e amor, arrastarão insensivelmente aqueles em que germinaram à dúvida mais tormentosa; daí vem a compreensão errada dos deveres, amoldada às conveniências pessoais por aqueles perigosos raciocínios inspirados pela matéria para a subjugação do *eu*.

Não é facilmente que espíritos cultos se podem encerrar nos estreitos limites de apreciação concedidos pelas religiões, e, muito em especial, por aquelas que mais espalhadas se encontram na Europa: o catolicismo e o protestantismo.

Assentando nas puríssimas doutrinas do Cristo — o espírito mais evoluído que animou um corpo na Terra — foi de tal modo deformada na sua pureza original, que se perderá irremediavelmente se não lhe extirparem as excrescências, remodelando-a inteiramente.

Nascido de uma reacção desorientada que teve por ponto de partida o desejo da livre apreciação do código basilar do Cristianismo — o Evangelho — o protestantismo continuou agarrado a dogmas incompatíveis com a suma bondade de Deus e a sua intolerância é maior ainda que a do próprio catolicismo.

O papel do Espiritismo junto das religiões é fazer-lhes reviver os seus princípios, apropriando-os aos progressos realizados, não se compadecendo com os interesses de seita que se tem sobreposto à verdade. E' uma doutrina que alia o positivismo da observação requerido pelo espírito crítico da época actual, à investigação dos elementos conservados occultos por êsses séculos fora como privilégio exclusivo dum restrito número.

As suas bases fundamentais, *Imortalidade* — experimentalmente demonstrada — *Reincarnação*, intimamente ligada à *Lei de Causalidade*, encontram-se desde tempos imemoriais através do hermetismo, do druidismo, do budismo e do cristianismo.

No evangelho de S. João, capítulo III, versículo 3 e seguintes, lá está claramente expressa a reincarnação: «Na verdade te digo que não pode ver o reino de Deus aquele que não renascer de novo, etc.».

Os versículos dos Evangelhos referentes à vinda do profeta Elias que passou despercebida, revelam claramente a sua reincarnação em João Baptista; assim como os versículos 2 e 3 do capítulo XIV do Evangelho de João confirmam plenamente a hipótese da pluralidade dos mundos habitados, inúmeras moradas que temos de percorrer para atingir a perfeição.

A propaganda entre os adeptos das várias religiões, para ser criteriosa, deve pois partir dos pontos com os quais o Espiritismo se identifica — e tantos são êles — para insensivelmente se alargar o âmbito acanhado das concepções do doutrinador para aquelas regiões onde tudo é luz, justiça, caridade e amor.

*

Um critério equivalente se deve usar para doutrinar os revoltados a quem as injustiças aparentes dispõem sempre a insurgir-se contra o que realmente só é justiça e bondade. Tratando-se em geral de pessoas de condição humilde, precisamos de nos irmanar com elas, quanto possível, fazendo-lhes compreender quanto a diferença de condições sociais é illusória.

Não devemos deixar de lhes incutir no ânimo a admiração pelas belezas naturais, reflexos pálidos dum Autor que se impõe ao respeito e veneração das mais altas intelectualidades que não desdenham de lhe render culto exactamente por lhe reconhecerem poderes sobrehumanos e inacessíveis. Levados a este campo, insinuemos-lhes como seria impossível conceber que o Criador de obra tão idealmente perfeita pudesse ter-lhe deixado defeitos.

Chamemos-lhes a atenção para a perfeição da complicada máquina humana, e conseqüentemente para a própria personalidade afirmada por tendências especiais que nos distinguem uns dos outros.

Apresentemos-lhes a noção da alma, em geral negada com fundamentos irrisórios e pueris, entre os quais o de não ser visível ou palpável, e comparemos-lha a fluidos vários que, a-pesar-de invisíveis e impalpáveis, são do conhecimento de todos e não podem ser negados por ninguém. Serve-nos óptimamente para isso o exemplo, embora grosseiro, da electricidade, que passando no filamento duma lâmpada o leva à incandescência produzindo luz. Se porventura o filamento se fundir e a lâmpada se inutilizar, teremos o direito de negar a electricidade por a lâmpada não dar luz?

E' raciocínio que pela sua singeleza ao alcance de todos pode dar a noção clara da existência da alma após a morte do corpo.

Cabe então admiravelmente expôr a idéa de reencarnação apoiando-nos ainda no mesmo exemplo.

Assim como a electricidade pode fazer brilhar várias lâmpadas, assim a alma poderá dar sucessivamente vida a vários corpos.

Associando a lei das reencarnações à noção de causalidade e interdependência de todos os actos, estamos no ponto essencial à compreensão da justiça distributiva, seu eterno motivo de revolta. E' o mesmo de nos revestirmos de paciência, serenidade e tolerância, para opormos raciocínios claramente deduzidos às vagas alterosas das suas palavras inflamadas.

Entremos nos domínios do livre arbitrio e responsabilidade, que a todo o transe devemos procurar fazer-lhes compreender, justificando as situações penosas como resultado de vidas regaladas, inconscientes e desregradas — quasi sempre a aspiração máxima desses descontentes.

Tentemos pelo prestígio da autoridade que nos dê a superioridade de conhecimentos, obter um acatamento relativo das idéas expendidas, gerador de estados de consciência propícios à assimilação da verdade.

Ensinemos o caminho que conduz as almas ao reino dos Céus que como Jesus dizia *está em nós*, na pureza que por nossos esforços alcançarmos. Trabalhemos afincadamente, denodadamente, e cada triunfo que obtivermos será para nós indizível alegria.

*

Para os indivíduos que nunca se deram ao trabalho de pensar no seu destino e a quem a vida corre serena sem outra preocupação que não seja a de não se incomodarem, embora a seu lado a miséria campeie, a propaganda é difícil de realizar.

Entrincheirados num egoísmo feroz, só ao que lhes dê satisfação imediata podem ligar importância. Não é fácil ocuparem-se da vida futura, pois a presente é a única que lhes interessa. Só quando feridos por uma dôr violenta eles poderão elevar o pensamento um pouco acima do que lhes agrada e que constitui a sua exclusiva preocupação.

E' a doença, a morte dum ente estremecido, a vèlhice abandonada, a perda da fortuna, a dôr, enfim, que vem operar a transformação preparadora do terreno onde a semente há-de germinar e frutificar.

Impõe-se-nos a propaganda dos vastos horizontes do Espiritismo.

A sua pura doutrina fortificará as crenças da humanidade, equilibrando-as com os conhecimentos adquiridos pelas observações positivas, para que na balança do nosso critério apreciativo o fiel da razão mostre uma relação perfeita entre o sentimento e a inteligência.

Arranquemos pois as almas às trevas e dêmos um pouco da luz que nos ilumina; e quanto mais a dermos, mais ela crescerá em nós.

PEDRO CARDIA

A Morte

*A morte não é motivo de terror
mas prelúdio de novas claridades*

A morte, não provocada, liberta-nos sempre, porque só vem ao nosso encontro quando o corpo físico se tornou incapaz de *servir* ao nosso aperfeiçoamento, ou por ter já cumprido a missão para que nos foi dado, ou por dela se ter desviado irremediavelmente, e, assim, não há motivo para temores nem para lamentações.

— ¿ Que perdemos nós com a morte?

Sem falar das nossas mortes *interiores*, psíquicas, que devemos sofrer para *transmudar* os defeitos em virtudes, todos os dias morrem células do nosso corpo, que são substituídas por outras, por forma que dentro de alguns anos — 7 ou 8, segundo alguns fisiologistas — todas morreram e foram substituídas, não nos tendo causado nenhum pesar estas mortes.

Quando todas as células morrem ao mesmo tempo, abandonamos definitivamente todo o corpo físico, o que significa que nos libertamos da escravidão de o alimentar, e lavar e desonerar dos seus múltiplos excrementos, de o vestir e alojar convenientemente, e de o medicar e tratar para que se não reduza a uma asquerosa podridão, e ficamos tendo um *corpo fluídico*, isento daquelas necessidades, muito mais vivo e activo e livre, movendo-se com pequeno esforço e com velocidades enormíssimas, e trabalhando num mundo, fluídico como êle, onde tudo tem mais vida e as paisagens mais beleza, onde há seres melhores, amizades mais fiéis, obras mais augustas. E de bom grado devemos restituir à terra este corpo físico, que deverá ser inumado na terra onde nasceu, ou melhor, onde se formou, e em envólucro frágil, para que paguemos a nossa dívida ao planeta o mais prontamente possível e em *moeda* mais perfeita — em partículas mais *evoluídas*, como devemos restituir, com a mesma resignação e agrado, aos génios terrestres e cósmicos tudo que deles recebemos para a vida que deixamos — para os nossos gostos, emoções e sentimentos pessoais.

Nada perdemos, pois, com esta substituição do corpo físico pelo fluídico e, ao contrário, tudo ganhamos, já por aquele se ter tornado incapaz de nos fazer progredir e ascender para a Perfeição e só o segundo ter esta capacidade, já por assim nos libertar das muitas necessidades que nos escravizavam; e envergonhado de tanto ter amado a nossa efémera forma física, que em estêrco se ia transformando

à maneira que íamos morrendo, a Deus devemos agradecer a libertadora morte, que nos coloca em muito mais livres e agradáveis condições de vida.

Abandonar em tais circunstâncias o corpo físico não é perda nenhuma, repetimos, a não ser para aquele que julga não ser outra coisa senão esse corpo, o qual, como o vicioso e o criminoso, será então surpreendido com a vida *penosa* que vai ter enquanto se não arrepender e desejar emendar.

Mas dir-se há: ¿ Os seres e objectos que neste mundo me rodeiam e que amo ou me são familiares, não os perco eu para sempre? Não, porque nada disso *me pertence*, pertencendo tudo a Deus; e só vieram ao meu encontro para o meu adiantamento e para o deles; sendo que as pessoas que amo com mais dedicação, foi Deus que para elas me atraíu, talvez anteriormente à vida actual, e, com certeza, para elas continuarei a ser atraído, tanto mais intimamente quanto mais me aperfeiçoar e elas também.

Nenhum medo, pois, pode inspirar a morte a quem tem esperança e crê que a bondade do Pai não nos ia lançar sem defeza para um isolamento ou consternação imerecidos, quando o Seu único cuidado é fornecer-nos todos os meios para vivermos, aprendermos e triunfamos, aperfeiçoando-nos sempre. Sem a morte não teríamos a *ressurreição imediata* para a vida supra-terrena, nem a *ressurreição definitiva* para o reino de Deus, ou seja, para o Absoluto.

A morte é uma *transformação* para um novo avanço. Gasto o corpo físico, é substituído por um novo instrumento de trabalho — de educação e aperfeiçoamento, sem que se perca coisa alguma das virtudes e poderes e saber conquistados, os quais para sempre se radicaram na alma e mais se desenvolvem e aperfeiçoam durante a vida extra-terrena, mais livre e mais interessante, para, em nova incarnação formarem a bagagem de virtudes e poderes *inatos* que orientam e determinam novo aperfeiçoamento.

Na alternativa da vigília e do sono temos a imagem desta alternativa da vida e da morte, pois todas as noites abandonamos, sem a menor angústia, o nosso corpo físico para retomarmos a sua direcção ao acordar, tendo, em espírito e no corpo astral, trabalhado e tratado com Entidades do mundo astral, como os nossos defuntos bem amados, ainda que disso nos não lembremos ao despertar. O sono repara o esgotamento momentâneo das forças vitais: a morte, que é o gasto definitivo, normal ou prematuro e acidental, das mesmas forças vitais, traz-nos o repouso que separa duas incarnações, durante o qual fazemos provisões das forças *inatas* que depois havemos de utilizar.

A morte assim encarada perde todo o seu horror; e havemos de bendizê-la se nesta vida nos esforçarmos na reparação das nossas imperfeições e na preparação duma melhor orientação da vida futura, se o nosso ideal fôr a reforma e progresso pessoais e colectivos, se o móbil da nossa actividade fôr servir a Deus servindo a humanidade, se o nosso viver fôr para melhorar o viver dos outros; pois saindo desta existência com este ideal, já sabemos que, mais proficuamente do que aqui, vamos no outro mundo, trabalhar na sua efectivação, e tanto melhor quanto maior fôr o nosso desprendimento de desejos terrenos, das cadeias da matéria e da carne.

Devemos, pois, aguardar serenamente a morte, sem a desejar nem provocar, entregando-nos confiadamente e por completo nas mãos de nosso Senhor, que nunca nos abandona e sempre nos põe nos lugares e condições mais favoráveis ao nosso aperfeiçoamento.

JOSÉ DE BARROS E SOUSA

As justiças

Por mais evoluída que seja a humanidade, nunca poderá haver analogia entre a justiça dos homens e a Justiça Divina.

Enquanto a justiça terrena é relativa, defeituosa, viciosa, icarista, egoísta, odiosa, cheia de preconceitos e participando de todos os defeitos da humanidade, a Justiça Divina, nada tendo de cumum com a justiça dos homens, é Infinita, infalível, misericordiosa e benevolente.

A Justiça Divina prègou-a Jesus, cujas leis ditou, mas não foram compreendidas. Quando experimentado pelos fariseus condensou numa pequena máxima tóda a Justiça Infinita: « Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus ».

Esta máxima cheia de verdade chega até nós através dos tempos albergada no coração dos espiritualistas. A Justiça Infinita existe na dôr, no prazer, na recompensa e no castigo, mercê duma lei a que, absolutamente, ninguém pode fugir.

E' essa a lei de causa e efeito a que tóda a humanidade está sujeita: é universal como é a lei de atracção, estabelecida pelo Poder Supremo.

A Justiça é representada, em mitologia, pela Deusa « Themis » segurando na mão esquerda uma balança. O fiel dessa balança, na sua verticalidade, representa o recto caminho que deve seguir a humanidade, caminho aliás traçado pela Justiça Infinita. Aguçados espinhos guarnecem as margens dêsse caminho, quais sentinelas vigilantes qua a todo o momento advertem o homem que tenta afastar-se da senda do bem. O sofrimento, a dor, as contrariedades da vida diária são as vedetas que a todo o momento, seja em sociedade ou a sós nos recantos mais solitários, nos se-gredam: — Retrocede, ó caminhante...! Ainda te resta tempo de entreres no caminho do Dever...!

Esta é a voz do silêncio. E' a Justiça Divina que nos fala e que nos assiste. Nunca falha. Ninguém poderá escapar às suas imutáveis leis. Ela está sempre em nós, rodeia-nos, interpenetra-nos. Não a vemos, não a compreendemos nem a sentimos, porque ignoramos a forma como ela se manifesta. Tem rigorosamente montado o seu serviço de vigilância, de tal forma, que nada lhe escapa. O egoísmo, a avareza, a hipocrisia, os preconceitos e todos os restantes males que nos vendam os olhos, não nos permitem ver nem conhecer êsses guias, que são incumbidos de nos advertir, pelo Poder Supremo, que a Justiça Divina é imanente, e que sendo justa, misericordiosa e benevolente, nos dá, a todo o momento, a recompensa de nossos bons ou maus pensamentos.

A justiça dos homens castiga, quando não intervem o favoritismo, aquele que reconhecidamente aos olhos físicos cometeu um crime, internando-o seguidamente num cárcere ou afastando-o para longínquas terras, sujeito ao rigor do clima que o anemiatiza, que o estiola, que o mata.

A Justiça Divina, ao contrário, corrige o criminoso, sempre às ocultas dos seus irmãos, benèvolmente, por meio do remorso da sua consciência, com o desas-socêgo, fazendo-lhe ver a todo o instante as circunstâncias mais horrorosas dos seus crimes. A Justiça Divina, a cuja acção nada escapa, transforma pela sua imanência um criminoso em homem de bem. Ela diz-nos quais os nossos deveres e que todos devemos aspirar a possuir um corpo físico cada vez mais perfeito e uma mente mais elevada, de forma a desenvolver as nossas faculdades mentais que se encontram em estado latente. Se o homem em sua mente coloca em primeiro lugar as aspirações puramente materiais, as correntes mentais descem, tornam-se baixas e grosseiras, correm num plano de ambições, e só quando chega a transformar as imagens mentais, poderá sair do caminho cheio de espinhos, em que voluntariamente se embre-

nhou, causando-lhe sòmente cuidados, desenganos cruéis, enfermidades dolorosas e por fim a morte.

Que vale ao homem possuir enormes riquezas materiais se os seus haveres espirituais são escasos ou nulos?

Convém ao homem reconbecer primeiramente o Poder Infinito desenvolvendo as suas faculdades mentais para entrar no caminho da riqueza e prosperidade. Se algum de nós praticar diàriamente actos de bondade e amor, beneficiando êste e aquele, a Justiça Divina faz manar em nós a corrente da felicidade que nos recompensa, refazendo, por vezes, as fôrças já debilitadas.

Sempre que o homem presta um bem aos seus irmãos, êsse bem, a seu tempo, lhe será retribuído pela Lei da Justiça Infinita. Pratique o homem sempre o bem, e terá a envolvê-lo uma atmosfera de bons pensamentos que, unindo-se aos seus, constituirão uma couraça contra a qual irão quebrar-se todas as correntes fluídicas adversas, que sòbre êle forem projectadas.

O pensamento não é sòmente uma fôrça, é também algo, como disse Mulford, tão real como tudo o que nos afecta o sentido visual. Não o vemos, não o sentimos, mas percebemo-lo. Existe; e a sua influéncia é tanto mais poderosa quanto mais dinamizado.

O pensamento é o agente edificador do nosso Karma futuro. Todo o homem será o que pensa: é uma das leis da Justiça Infinita.

Semeemos rosas para que colhamos rosas e assim teremos o prazer de concorrer com o nosso limitado esforço para o Bem da Humanidade.

AUGUSTO FLORES

Naturismo

III

II) Métodos de Vitalização Cutânea — Consistem na absorção, por via da pele, das energias imponderáveis existentes no grande oceano de ar e luz denominado atmosfera.

O Sol é o reservatório vivo de todas essas fôrças que vitalizam o nosso planeta. Funciona como verdadeira pilha emissora, sendo os seus raios portadores de eflúvios de saúde e energia.

Os prodigiosos efeitos da luz solar são aliás reconhecidos desde os tempos de Moisés e Zaratustra, conforme se deduz de algumas passagens da Bíblia do Zend-Avesta.

Os Hermetistas do antigo Egito attribuíam à acção do magnetismo solar todas as fôrças vitais da natureza; segundo êles o Sol presidia à vida nos planos físico, astral e mental, do nosso sistema planetário: chamavam-no o Cristo, o Verbo de Deus.

O aspecto simbólico do Sol atraíu primeiro a atenção, depois a adoração das raças primitivas — sob a invocação de Osiris no Egito, Krishna na India, Belus na Caldéa, Ormuzd na Pérsia; os Hebreus denominaram-no Aschaled, que significa «o fogo sumamente beneficente».

Efectivamente o Sol é o dador da vida: os seus raios são verdadeiros eflúvios de rejuvenescimento e cura.

As applicações da luz branca, sintética, aproveitadas na antiguidade clássica

por Hipócrates, caíram no esquecimento, até que, no século XIX, foram ressuscitadas pelo austríaco Rikli, o introdutor dos banhos foto-atmosféricos.

A helioterápia tem-se revelado como um maravilhoso processo curador, utilizado na maioria dos casos patológicos, pois os seus efeitos são a um tempo de ordem química, térmica e magnética.

A luz solar, sintética, possui ainda um admirável poder microbicida a que não resistem os temíveis bacilos da tuberculose, do carbúnculo, do cólera asiático.

Decompondo o espectro solar nas suas radiações simples, observaremos acções particulares, já utilizadas pela medicina contemporânea. Os hermetistas explicavam esses interessantes efeitos pela correspondência dessas radiações elementares com os diversos planetas do nosso sistema solar, sendo resultado de certas vibrações etéreas sobre a nossa consciência.

Cada côr age de acôrdo com o planeta que preside ao nosso nascimento. As irradiações desse planeta dominante alteram a aura da Terra a cada instante, repercutindo-se tais alterações na nossa mente, predispondo-a para determinada ordem de pensamentos, que, a seu tempo, se concretizarão em acções.

Querendo aumentar o nosso poder beneficiente, teremos de estudar previamente as nossas relações com o mundo das côres. Os caldeus tinham este facto em grande consideração, andando vestidos com as côres do planeta próprio de cada indivíduo.

Modernas experiências de Flammarion comprovam os pontos de vista dos caldeus; assim, concluiu-se que enquanto os raios vermelhos, atribuídos a Marte, exaltam a Natureza, intensificando a acção e o movimento, os raios violetas de Júpiter presidem à compaixão e à harmonia; e as radiações azuis, pertencentes a Vénus, teem uma influência muito mitigante, aproveitada com êxito no tratamento da loucura.

Deduz-se do exposto a grande importância da exposição directa da pele ao ar atmosférico. A função respiratória através dos nossos poros não deve ser embaraçada; a providente Natureza dando-nos uma pele nua, facultou-nos uma assimilação vital mais ampla, como convém a um organismo mais diferenciado na escala dos habitantes do nosso planeta.

A extraordinária energia vital e grande desenvolvimento físico das raças primitivas, logicamente se explica pela franca exposição do corpo a todas as benéficas acções foto-atmosféricas.

Na Africa Austral, nos arquipélagos da Polinésia, assiste-se hoje à visível decadência das raças indígenas, após a introdução do traço europeu.

O nudismo teve a máxima consagração nos ginásios da antiga Grécia; e essa consagração deve explicar-se não só por considerações de ordem higiénica, como de ordem estética: sem o culto do nu, a estatuária grega não haveria nunca atingido as culminâncias da Harmonia e da Beleza...

Hoje, porém, esse culto primitivo e sã da beleza das formas, acha-se pervertido, dando lugar a um sensualismo deprimente, que parece tudo arrastar na sua voragem!...

A vitalização total pela pele constituiu, desde a antiguidade, um efficacíssimo processo de cura e de profilaxia, tendo feito a reputação de Esculápio e Celso, Hipócrates e Avicena.

Modernamente esses métodos renascem, tendo como ponto de partida o apostolado naturista de Rikli — o divulgador dos banhos de sol; Lahman — o introdutor dos banhos de ar; Juste — apologistas dos banhos magneto-telúricos; Priessnitz e Kneipp — os grandes vulgarizadores da hidroterápia.

Luís Kuhne, influenciado pelas doutrinas monistas de Haeckel, parte da unidade de origem de todas as manifestações patológicas, para chegar à adopção dos métodos hélio, aéreo e hidroterápico, conjugados com um régimen alimentar puro,

elaborando assim o método naturista sintético e curador que tem o seu nome. E' na Europa Central que mais se tem difundido os citados métodos. Na Austria e Suíssa, Prússia e Baviera, não faltam os *Naturheilanstalt* : estações de cura situadas em locais aprazíveis, e pitorescos, e onde se utilizam todos os agentes naturais de cura.

* * *

III) Métodos de vitalização digestiva — Consistem na absorção, por via dos alimentos, das energias imponderáveis que estes contem ou devem conter em maior ou menor grau.

A alimentação não consiste apenas na absorção de corpos químicos, materiais, combustíveis, mas antes implica uma vitalização orgânica.

Assim o reconhece a sciência contemporânea, apoiada na experiência de séculos, que pôs em evidência a nocividade dos alimentos esterilizados ou privados das suas partes essencialmente vitais.

Quimicamente as forças vitais são representadas pelas diástases, frágeis como a vida, não escapando à acção deletéria do fogo e dos antisépticos.

Por isso o naturismo proscree o emprêgo de tais agentes nas preparações culinárias, o que equivale à adopção do *crudivorismo* — a dietética naturista no seu máximo grau de pureza : o verdadeiro regime vitalizador, uma vez que permite aumentar o nosso capital de forças vitais de função, reduzindo ao mínimo as excitações orgânicas e, portanto, o nosso dispêndio de reservas vitais inatas.

No extremo oposto da escala alimentar figura o carnivorismo do antropófago, e depois o omnivorismo excessivo dos indivíduos «requintadamente» civilizados, onde avulta o uso e abuso de princípios concentrados, (purés) esterilizados (conservas), desvitalizados pelo fogo (carnes), e excitantes (café, álcool), duplamente nefastos, pelo excesso de reacções vitais que determinam ; o que se traduz por uma libertação intensa de reservas vitais, e pela não compensação de tal «déficit» por aquisição de novas energias.

Do exposto resulta que o *vegetarismo* se impõe, adoptado ou não na sua integralidade, como sistema eminentemente vitalizador e economizador de reservas energéticas potenciais. Mas esse regimen tem ainda outros méritos : impõe-se duplamente, já pelo que representa como tradução de uma mais elevada concepção moral nas relações do homem com os outros seres da Criação, já como poderoso e imprescindível meio de purificação do candidato à clarividência e à Vida Pura.

Quando atraz nos referimos à personalidade humana vimos que a nutrição influi no aperfeiçoamento dos nossos veículos inferiores (grosseiro, etéreo e astral), e, portanto, no grau de afirmação da individualidade nos planos inferiores da existência.

O «*corpo de desejos*» apoia-se em parte no corpo físico, ressentindo-se do grau de pureza d'este último. Por outro lado a pureza física refere-se às densidades da matéria do corpo grosseiro e do duplo etéreo, dentro de cada estado de rarefacção — sólido, líquido, gasoso, etérico. Ora, como são os alimentos que nos fornecem os materiais para a construção e renovamento d'esses corpos, evidente se torna a importância da selecção alimentar.

A alimentação pura, que exclui o álcool e o sangue dos animais, não só purifica os veículos físicos, como ainda se vai repercutir sobre o corpo astral — facto de culminante importância na nossa evolução.

De facto, o grau de purificação astral mede o progresso realizado pelo espírito em cada reencarnação, além de que uma alimentação impura atrairia não só

partículas grosseiras de matéria física, como também, o que ainda é peor, elementais do astral inferior, cuja vizinhança é sumamente perigosa.

A alimentação natural tem pois como consequência fabricar veículos, que gradualmente perdem a faculdade de vibrar em resposta às solicitações de ordem inferior, passando a fazê-lo somente em relação às de ordem mais elevada. Este desvio do foco da consciência mede o nosso progresso no caminho da evolução.

Em todas as escolas iniciáticas da antiguidade impunha-se como dever a purificação do corpo físico, como o primeiro passo para o desenvolvimento dos poderes latentes do candidato; pois era reconhecido que o corpo do alcoólico e do glutão, impregnado de vapores alcoólicos e sangue de animais, abafa todas as manifestações do *ego*, fazendo descer o *homem* ao nível dos irracionais; e atrai os desincarnados que habitam o astral inferior, e que procuram subjugar os incarnados que possuem vícios idênticos aos seus, a-fim-de mitigarem a ânsia que os devora.

O candidato à Vida Pura deve impôr-se uma reforma alimentar o mais radical possível, dentro dos limites pessoais de adaptabilidade.

O limite de tolerância é aquele que exclui o concurso do magarefe, pois não é lícito sujeitar animais como o cordeiro — símbolo da mansidão, que os cristãos adoptaram para representar o Cristo de Deus —, ou a pomba — emblema alado da pureza —, para que alimentemos apetites imoderados e irracionais da nossa personalidade, pervertida por uma longa hereditariedade de gerações viciosas.

O papel dos animais domésticos está expresso nos serviços que nos prestam como animais de tracção, ou nos produtos que naturalmente nos fornecem: leite, ovos, lã.

Derramando o sangue de animais indefesos, atentamos contra um preceito sagrado do Decálogo que nos diz: «NÃO MATARÁS»

O caçador sinistro que bate montes e vales levando consigo a morte, deleitando-se com a imolação de seres, irmãos seus na Criação, prova ignorar a lei sublime de evolução que nos faz derivar dos reinos inferiores da Natureza.

O homem, aproveitando-se dos rápidos progressos da ciência moderna denominada *Genética*, tem sabido aplicar os métodos trêmatoológicos ao aperfeiçoamento dos animais domésticos, mas sob um aspecto unilateral, atendendo unicamente ao seu proveito pessoal. Dêste modo realiza a especialização funcional das espécies pecuárias em elevada escala, tornando-se o homem um instrumento inconsciente da omnisciência divina, uma vez que contribui para intensificar a aprendizagem dos seres inferiores sob alguns aspectos particulares. No entanto nunca devera esquecer o sábio preceito de Hipócrates, de que «o amor da ciência é inseparável do amor da humanidade», devendo nós aplicar êste aforismo a tôda a Criação.

Quando todos assim o compreendam, adoptará a humanidade definitivamente a alimentação de frutas, «*síntese divina do alimento do homem que se uniu a Deus, do homem que realizou a Unidade do Todo*», segundo a expressão do sábio Loester.

Comer é um acto sacro; «*comer é comungar*»; é um dos ritos do sacerdócio doméstico.

Que scenas belas e edificantes na sua singeleza, no seu simbolismo, observadas no repasto das primitivas famílias patriarcais! . . . O ancião venerando, sacerdote do lar, rodeado de todos os seus parentes e serviçais, começava por abençoar os alimentos, puros e singelos mas ricos de vitalidade, elevando todos mentalmente ao Céu uma ligeira mas ferverosa prece. . . Era a santificação dum acto que as gerações seguintes tem substituído ao sabor de seus apetites depravados.

«Comer é comungar»; é aproveitarmo-nos das dádivas do Pai, que faz brotar da rocha a água cristalina para nos dessedentar, e faz nascer e propagar as árvo-

res que nos alimentam com os seus saborosos frutos, donde auferimos vitalidade e renovamento.

Comer é receber a dádiva da própria Divindade, solícita em nos conservar a vida e o sustento.

A mesa do repasto é uma ara onde colocamos as oferendas que o Pai, no grande altar da Natureza, nos faculta.

Quando na memorável Ceia de Quinta-feira da Paixão, Jesus tomou o pão e o suco de uvas e os benzeu, erguendo os olhos ao Céu e dizendo a seus discípulos: «*tomai, êste é o meu corpo; bebei, êste é o meu sangue;*» não era o próprio Pai quem, pela boca de seu Filho muito amado, nos dizia, que tudo quanto a terra produz é uma «*oferenda do Seu corpo*»?

Por isso se impõe, como complemento dêsse acto, a «*oblação*», processo mental pelo qual o filho patenteia ao Pai o seu amor e reconhecimento.

Deixamos vincado o papel primacial da dietética naturista no campo neo-espiritualista. Se no entanto nos quisermos restringir aos domínios da sociologia, veremos ainda aí como a sua importância avulta na dissipação dum dos mais terríveis flagelos da Raça: o *alcoolismo*.

Diz Reinach que «*se a questão do Alcoolismo não é tôda a questão social, é a mais terrível e a mais grave das questões sociais*». Basta êste ponto para que o problema da dieta seja digno da atenção de todos os eugenistas e sociólogos.

Para salvar a humanidade do embrutecimento do álcool e da abjecção da carne, o primeiro passo é, diz Tolstoi, o vegetarianismo.

A atrofia das consciências provém da intemperança alimentar, da gula, que, apoderando-se da vontade, a subjuga manietando-a.

E' por êste mecanismo que o carnivorismo parece querer cavar a sepultura da Raça, se a tempo lhe não acudirmos com a reforma alimentar naturista.

Terminaremos com as palavras do nosso compatriota e devotado propagandista Dr. Artur de Vasconcelos: «*Os méritos do Naturismo não se podem depreciar porque nele se inspiram as Raças e as Gerações, as Inteligências e as Consciências daqueles que amam a Vida e o Próximo como todos devem amar*».

JOSÉ A. MANIQUE DE ALBUQUERQUE

A falta de espaço, com que lutamos, forçou-nos a interromper a publicação de «*A Alma Humana*», da autoria do sr. Dr. António J. Freire, que continuará nos próximos números.

CRÓNICA ESTRANGEIRA

O MÉDIUM MARGERY

A campanha que se tem feito contra alguns médiuns, se bem que por vezes justificada, resulta na maior parte dos casos duma opinião preconcebida que reflecte uma ignorância profunda das condições em que certos fenómenos se podem realizar. E' principalmente contra os médiuns de efeitos físicos que em geral se dirigem as críticas mais severas de observadores parciais que, a todo o transe, procuram achar meio de os inutilizar, se porventura descobrem o mais leve indício de fraude inconsciente, embora coexistindo com a produção de fenómenos reais inimitáveis por qualquer truc de prestidigitação.

Foi o que aconteceu há pouco com Mrs. Crandon, vulgarmente conhecida como médium pelo nome de Margery, que, após umas experiências convincentes realizadas em condições de grande rigor científico, foi finalmente reabilitada.

Confirmando a autenticidade dos fenómenos observados com este médium, o sr. Malcon Bird, representando a Sociedade Americana de Investigações Psíquicas, de Nova York, apresentou ao III Congresso Internacional de Investigações Psíquicas uma comunicação, relatando os brilhantes fenómenos a que este médium dá origem, discutindo as diversas fases das manifestações, apreciando os métodos de verificação e examinando e replicando às críticas severas que tem sido feitas ao médium e a seu marido, o Dr. Crandon.

«*The British Journal of Psychical Research*» relata com minúcia algumas das sessões feitas em Boston, cuja narração nas suas linhas gerais tem aqui cabimento, para se fazer uma ideia exacta das exigências a que os psiquistas mais cautelosos e prudentes sujeitam o médium.

Em grande número de sessões o médium era totalmente despido, envergando durante elas apenas um fato de banho.

Depois de examinadas cuidadosamente todas as cavidades naturais onde seria possível esconder qualquer objecto que servisse à simulação, é o médium solidamente atado a fortes amarras aparafusadas ao chão, com resistentes arames revestidos de tubos de borracha nos pontos de contacto com os pulsos e tornozelos, para o não magoarem, e encerrado num gabinete seguramente fixado, a meio da sala das sessões. As paredes laterais desta cabine são de vidro e a porta é provida duma fechadura que não a atravessa, só podendo abrir-se do lado de dentro.

O pescoço do médium não pode igualmente desviar-se porque é mantido em posição por uma grossa tira de couro munida duma fechadura, e é amarrado à cadeira em que o médium repousa durante o transe mediúnico.

Estes rigores tornam-se necessários porque os experimentadores que tem estudado este médium ainda não adoptaram o dispositivo eléctrico recentemente inventado por Karl Krall, de Munich, e já usado pelos mais ilustres metapsiquistas alemães, que simplifica extremamente a missão do observador, tornando impossível qualquer fraude.

Consta êle dum sistema de iluminação alimentado por um acumulador de fraca voltagem, em que 4 lâmpadas de côres diversas, correspondentes a cada um dos pés e das mãos do médium, se mantem acesas pelo contacto estabelecido entre o médium e o verificador principal por meio de luvas metálicas para as mãos, e de várias ordens de fios metálicos, ligados a uns sapatos duma disposição especial para os pés, que repousam em pranchas cobertas de chumbo.

Qualquer movimento do médium, deixando de manter o contacto com o observador, fará imediatamente apagar a lâmpada que corresponder ao membro que o determinou, advertindo prontamente os investigadores de que o médium procura fraudar.

E' este um aparelho reservado a um brilhante futuro nos trabalhos de meta-psíquica objectiva.

Nas experiências relatadas com Margery, a par destes rigorosos cuidados para evitar qualquer fraude do médium, numerosos aparelhos de laboratório estão a postos para registar os fenómenos que se verificarem: termómetros de máxima e mínima de extrema precisão, termógrafos, balanças de grande sensibilidade, um aparelho destinado a provar a produção de vozes directas, etc.

As sessões principiam geralmente na obscuridade, tendo os experimentadores ao seu alcance o interruptor da luz ordinária e o reóstato que gradua a luz vermelha de que se servem nestes trabalhos.

Está hoje averiguado que a luz vermelha não é melhor que qualquer outra luz atenuada. Em igual intensidade é tão prejudicial aos fenómenos ectoplásmicos como a luz branca. Além de perturbar o transe do médium, a luz intensa dissolve os fluidos, o que não deverá surpreender se atentarmos em que o processo ectoplásmico, determinando rapidamente a formação dum sêr que, embora de pouca duração, tem todas as aparências duma vida real, é comparável nos seus primórdios ao desenvolvimento dos sêres na sua generalidade. Ora está demonstrado que a luz é nitidamente abiótica para os microorganismos, verificando-se que os gêrmens em evolução nas condições da sua vida inicial se acham subtraídos à acção da luz. Basta citar o exemplo do embrião humano.

A iluminação a que se reconhece hoje incontestável superioridade nas sessões de ectoplasmia é da luz fria desprovida de radiações químicas.

Já William Crookes aproveitou em algumas sessões, com ótimos resultados, a luz da lua. Os alvos fosforescentes de sulfureto de zinco são também frequentemente utilizados, e mais raramente a luz viva emanada da cultura de certos micróbios fotogénios, ou de certos protozoários ou de crustáceos fosforescentes, tendo chegado no Brasil a tentar-se a iluminação das sessões com insectos luminosos.

Afigura-se-nos que deverá para o efeito ser muito aproveitável a intensa luminosidade do carbonato de cálcio natural sôbre que se tenham feito incidir feixes de raios catódicos por meio dum tubo Coolidge, que é uma modificação da ampola de Crookes, permitindo a projecção das referidas radiações.

Com alguns médiuns é indiscutível que há casos em que os fenómenos físicos se podem produzir à luz, por qualquer meio que escapa inteiramente à nossa apreciação.

Ainda agora o Dr. Rudolf Tischner, de Munich, apresentou uma comunicação ao III Congresso Internacional de Investigações Psíquicas sôbre as experiências feitas com o médium M.^{me} Silbert, em pleno dia, ou com forte luz artificial, procurando demonstrar que a obscuridade é apenas necessária por falta de educação racional dos médiuns e que essa necessidade é produto de auto-sugestão. Porém, os fenómenos que êle descreve são essencialmente telequinéticos e não ectoplásmicos.

Nas sessões descritas pelo Dr. R. J. Tillyard, que narramos sumariamente como exemplo, um gramofone toca ininterruptamente uma melodia suave, voltando a agulha ao princípio depois da execução do trecho musical, porque um dispositivo eléctrico faz automaticamente a mudança de posição da agulha.

Formando círculo, os assistentes rodeiam o médium pela ordem seguinte: Dr. Tillyard fazendo o *contrôle* da mão esquerda de Margery e segurando-a quando julga necessário, Mrs. Litzelmann, Dr. Crandon, Mrs. Tillyard, Mr. Litzelmann e Mr. Dudley, que fica próximo da porta aberta do gabinete, à direita.

Os pés e as mãos do médium a-pesar-de se considerarem inamovíveis, são vigiados atentamente pelos observadores e em especial por Mrs. Tillyard.

Apagada a luz, Margery entra em transe, sendo observada de momento a momento à luz vermelha. Quasi imediatamente, Walter, a entidade que vulgarmente se manifesta com este médium, chama a atenção dos assistentes com exclamações em voz baixa e rouca, interrompidas por assobios, começando em breve a falar com liberdade e espiritualmente, a maior parte das vezes por cima do gabinete. Assobia uma parte da ária que o gramofone toca, acompanhando-o.

Um dos primeiros fenómenos que se produzem e demonstram a inteligência da entidade manifestada, é a designação correcta de letras tiradas ao acaso e na obscuridade pelo dirigente da sessão, numa caixa colocada fora do gabinete contendo umas cinquenta ou sessenta letras e números diversos gravados em blocos de madeira de 3 polegadas de comprimento, que lança num pequeno cesto com 3 faixas de tinta luminosa pintadas na sua alta asa.

Colocado o cesto junto do médium, Walter tira d'ele uma letra, dizendo: « *Aqui está uma; é um K. Atirá-la-hei a sua mulher* ». Imediatamente caiu aos pés de Mrs. Tillyard uma letra que se verificou ser realmente um K. Idênticos resultados foram obtidos com um 8 e com um P. Vários objectos colocados dentro do cesto pelo Dr. R. Tillyard, entomologista distinto a quem a entidade chamava o «homem dos insectos», foram inteiramente descritos nas suas particularidades mais insignificantes. Observa-se em seguida a levitação do cesto e dum anel de papel espesso, (coberto de tinta luminosa para ser visível na obscuridade), que fazem vários movimentos no ar em diferentes direcções.

Os fenómenos de *pneumatofonia* são rigorosamente verificados por meio dum aparelho muito engenhoso da invenção do Dr. Mark Richardson, que impede toda e qualquer fraude da parte do médium.

Compõe-se elle dum bocal de vidro com 3 orifícios conduzindo a uma simples abertura a que se adapta um tubo de borracha que o põe em comunicação com uma das duas tubuladuras duma garrafa-reservatório. A outra tubuladura está ligada por meio dum outro tubo de borracha a uma das aberturas dum largo tubo de vidro em U, não podendo a secção do U que fica aberta ser tapada pelo polegar de Margery, em vista do seu grande diâmetro.

Este tubo está parcialmente cheio de água em que sobrenadam, nos seus dois ramos, dois flutuadores de cortiça pintados com tinta luminosa.

O bocal de vidro adapta-se perfeitamente à boca do médium, que pode tapar um dos orifícios com o lábio superior, o outro com o inferior e o terceiro com uma projecção da língua.

Para verificar os fenómenos de voz directa o Dr. Tillyard adapta o bocal ao médium acordado, e, em plena luz, manda-o soprar com fôrça e tapar com a língua o orifício central, o que determina um grande desnivelamento dos flutuadores. Esse desnivelamento será mantido se o médium tapar inteiramente os orifícios do bocal, o que o impede absolutamente de falar, immobilizando-lhe totalmente os movimentos da boca.

Simultaneamente o Dr. R. J. Tillyard, continuando a segurar com a mão direita a mão esquerda do médium, tapa com a mão esquerda a boca de Mrs. Litzelmann; Mrs. Tillyard tapa com a mão direita a boca do Dr. Crandon e com a esquerda a de Mr. Dudley. Mr. Litzelmann adapta a boca ao braço de Mrs. Tillyard, sugando-lhe a carne. Deste modo ficam todos impossibilitados de falar, à excepção dos investigadores dirigentes Mr. Tillyard e esposa.

Durante o curto lapso de tempo que pode durar esta situação de constrangimento e que Margery pela prática adquirida consegue manter durante dois minutos, apaga-se a luz e ouve-se a voz com a qual se manifesta a entidade Walter (um irmão de Margery desincarnado) repetindo os assobios e exclamações com que

se anunciou e recitando os primeiros versos dum poema conhecido, para comprovar a sua independência intelectual.

Depois destas concludentes observações sobre as faculdades pneumatofónicas do médium, ainda se tentaram na mesma sessão experiências telequinéticas sobre uma campainha eléctrica contida numa caixa provida de baterias eléctricas que a accionam e intercalada num circuito que só é fechado desde que seja exercida uma certa pressão sobre uma mola de aço.

Em condições de rigorosa verificação essa experiência foi coroada de êxito, bem como uma outra realizada com uma balança de precisão que oscila sem contacto aparente, ao mesmo tempo que se deslocam inexplicavelmente algumas taras colocadas num dos pratos.

Nesta sessão a temperatura que regulava por 72° Fahrenheit ou aproximadamente 22° Centígrados, verificou-se ter subido levemente depois dos trabalhos.

A variação térmica observada durante as experiências com médiuns de efeitos físicos tem dado lugar a inúmeras pesquisas para verificar quais as oscilações sofridas e o sentido em que elas se dão.

As conclusões variam porém com os médiuns, não havendo por enquanto uma perfeita uniformidade de vistas.

Mr. Harry Price, apresentando ao III Congresso de Investigações Psíquicas o relatório das suas observações com o médium Stella, feitas com termómetros sensíveis a 1 % de grau Fahr. e registadas por um termógrafo, verifica que a temperatura se eleva quando o médium entra em transe para baixar gradualmente e se tornar inferior à do princípio da sessão.

O Dr. G. A. Weltz afirma porém que nas zonas onde os assistentes sentem por vezes um frio intenso não existe uma diminuição real de temperatura a-pesar-dos instrumentos utilizados serem duma precisão inexcédível. Julgando insuficientes o termógrafo e o termómetro de máxima e mínima, construiu-se para êste efeito uma pilha termo-eléctrica de 48 elementos, absolutamente isolada, com leitura num galvanómetro de torsão cuja sensibilidade é de 10^7 . Uma aproximação da mão basta para determinar imediatamente uma oscilação sensível. Todavia colocado êste sistema no campo de acção telequinética não acusa qualquer variação de temperatura, embora haja da parte dos assistentes a sensação de frio nessa zona.

Aguardemos portanto a continuação das experiências para que se possa formar uma opinião fundamentada acerca destas curiosas alterações de temperatura.

Numa outra sessão relatada pelo mesmo hábil observador que é o Dr. Tillyard era a corrente formada por: Dr. Tillyard, Mr. Dudley, Miss Laura Crandon, Dr. Holmes, Mrs. Tillyard e Dr. Crandon, que tinha à sua esquerda o Dr. Hardwick, seguido de Margery.

O Dr. Hardwick, recentemente chegado de Buffalo, era também dotado de mediunidade de efeitos físicos, o que dava em resultado produzirem-se excelentes fenómenos com o concurso dos dois médiuns.

Logo da primeira vez que êle compareceu às sessões caiu em transe, exteriorizando abundante *ectoplasma* de que se formaram materializações que foram moldadas em parafina.

Na expectativa de resultados semelhantes foi trazida para a sala das sessões uma panela de água quasi a ferver, com uma camada de parafina à superfície, da espessura de cerca de $\frac{3}{4}$ de polegada.

O Dr. Tillyard e a esposa calcularam que a temperatura deveria regular por 200° Fahr. o que não permitia qualquer tentativa de aproximação dos dedos. Ao lado estava um balde com água fria para arrefecer qualquer moldagem que se conseguisse.

Durante estas experiências o Dr. Tillyard vigiava atentamente os médiuns e em especial o Dr. Hardwick, sobre os joelhos do qual exercia pressão, impossibili-

tando-o de se mover. Mrs. Tillyard fazia o mesmo ao Dr. Crandon e completava o controle de Margery. A sessão foi feita na obscuridade, interrompida incidentalmente por luz vermelha. Os assistentes davam-se as mãos, formando cadeia fechada.

A Victrola (gramofone) tocou durante uns cinco minutos sem que se produzissem fenómenos. Os médiuns caíram ambos em transe e pouco depois a entidade Walter saíu os assistentes com um assobio e sustentou a conversação, acaloradamente por vezes, especialmente quando abordou a apreciação do comportamento dum determinado professor que tinha assistido às sessões com incorrecção e malevolência. A seu respeito Walter gracejou alegremente e quando um dos assistentes lhe recordou que um outro doutor ainda tinha sido mais injusto, Walter replicou, tornando-se repentinamente sério: Lembrai-vos do que Jesus disse: « Pai, perdoai-lhes que não sabem o que fazem ».

Passado algum tempo um forte vento frio soprou sobre as mãos do Dr. Tillyard, sendo sentido pelos outros assistentes. Pouco depois viu-se emergir do chão, perto dos baldes, uma luminosidade branca, scintilando, que tomou a forma duma pequena mão com os dedos de cerca de duas polegadas de comprimento, claramente definidos. Elevou-se e baixou muitas vezes, pairando no ar. No sítio donde parecia vir a voz de Walter, viu-se aparecer uma nuvem luminosa que a breve trecho se dissolveu. Todos os assistentes viram perto da cabeça de Margery uma luz bastante estável. Mais tarde a luz adejante em forma de mão foi substituída por um oval luminoso que oscilava de baixo para cima próximo da face do Dr. Tillyard, tocando-o muitas vezes. Ao tacto dava a impressão de borracha tépida. Walter mantinha uma conversação contínua, assobiando bastante e gracejando.

Logo que os médiuns ficaram em transe profundo, o que só succedeu passado bastante tempo, Walter declarou que já teria talvez a suficiente força psíquica para produzir uma materialização. O Dr. Tillyard pediu-lhe então para ver se conseguia a materialização duma mão completa que pudesse ser moldada, ou, quando mais não fôsse, um polegar para mostrar a Sir Oliver Lodge e a Sir Arthur Conan Doyle. A entidade comunicante disse julgar poder fazê-lo, declarando que estava obtendo *ectoplasma* de ambos os médiuns e que extrairia ainda mais da substância branca do cérebro do Dr. Hardwick, através do seu ouvido esquerdo. Pouco depois pediu para se acender a luz vermelha e todos viram uma grande massa de substância branca que se assemelhava absolutamente a miolos cozidos, estendida sobre a orelha esquerda e grande parte da cabeça.

O Dr. Tillyard perguntou se podia examiná-la e Walter disse que a tocasse só levemente com as costas da mão esquerda. O Dr. Crandon, já muito experimentado em trabalhos desta natureza, disse a Mrs. Tillyard: « Esta matéria vem do cérebro e quando tocada faz sofrer o médium. » No momento em que o Dr. Tillyard tocava o *ectoplasma*, o médium Dr. Hardwick soltou um gemido profundo. O *ectoplasma* apresentava-se túrgido ao tacto, como borracha ou cera quente, sem que todavia aderisse à mão do Dr. Tillyard. Pouco depois ouviram-se ruídos nos baldes e durante 20 minutos Walter trabalhou incessantemente sentindo-se mergulhar qualquer objecto ora num balde, ora noutro. Antes de dar por terminada a sua tarefa chamou João, o seu guia, que tinha sido um filho do Dr. Marck Richardson, falecido em tenra infância de paralisia infantil. Walter anunciou então que o trabalho estava finalmente pronto, encontrando-se no balde a moldagem perfeitíssima duma mão.

São factos admiráveis desta natureza, inexplicáveis sem o auxílio da teoria espírita, que têm contribuído poderosamente para que as hostes do Espiritismo engrossem todos os dias com os nomes de homens com altíssimas responsabilidades, que não desdenham de aceitar como indiscutível a possibilidade da comunicação entre os desencarnados e os incarnados, com todas as suas conseqüências morais e filosóficas.

FACTOS SUPRANORMAIS

FACTO CURIOSO

Foi a 4 de Junho de 1917, pelas 4 horas da tarde. Era o aniversário da morte de meu querido Pai, o maestro Angelo Frondoni. Quando me dirigia para o cemitério na minha peregrinação anual, evocava no meu espírito a querida imagem e pedia ardentemente a Deus uma prova sugura da sobrevivência da alma. Por acaso encontrei no meu caminho, D. Maria de Andrade, um excelente médium com o qual tinha obtido, em casa do Professor Augusto de Oliveira Feijão, fenómenos esplêndidos de ordem psíquica: Levitações de mesas, transposição de objectos, aparições de vultos, escrita directa, e melhor que tudo isto, — flores marcadas que atravessavam portas e paredes para aparecerem fora do gabinete das sessões. Esta senhora saía do cemitério e eu pedi-lhe que voltasse para traz e me acompanhasse até ao túmulo de meu querido Pai. Ela acedeu, e depois da piedosa visita ao meu jazigo, que não era então de capela, fomos visitar um outro onde repousa uma amiga minha. Como êste jazigo era de capela, veio-me ao espírito a idéa de tentar ali uma experiência e pegando de repente nas mãos de D. Maria de Andrade, pedi se me seria possível obter em pleno dia algum fenómeno idêntico aos que se davam nas sessões, tanto em casa do Dr. Feijão, como na minha. Imediatamente uma pancada surda de ressonância prolongada vibrou dentro de um caixão.

Intrigada, fui fechar a porta do jazigo, receiando que qualquer barulho exterior desse causa a um equívoco, e pedi a repetição da pancada. Não foi só uma que bateram, mas sim umas poucas, umas mais fortes, outras menos, não deixando dúvida alguma sôbre a autenticidade do fenómeno.

«Mecham qualquer coisa que esteja neste jazigo» disse eu, e, sem demora, um banco de tesoura que estava atraz de mim tocou-me bruscamente e voltou para o seu lugar!... As mãos de D. Maria de Andrade estavam sempre seguras nas minhas.

Uma ginástica, não menos surpreendente, teve em seguida lugar com a minha sombrinha que estava perto da porta por detraz de D. Maria.

A sombrinha erguia-se, descia, avançava, recuava em ondulações sucessivas! Iguamente, e sem tremores sísmicos de forma alguma, sem que fizéssemos o menor movimento, uma corôa de vidrilhos pendurada na parede tremeu, e agitou-se durante uns segundos.

Admirada e pensando que poderíamos estar alucinadas, desejei a repetição, de inda agora, com o banco de tesoura. Apenas feito o meu pedido o banco foi imediatamente voltado, de forma que, ficando de pé, só tocava no muro por um ângulo.

Mostrei desejos de mais manifestações e umas pancadas, surdas, cavernosas, fundas, vibraram debaixo das lages do chão.

Não ouvindo mais nada, pedi se queriam findar, que batessem três pancadas mas muito nítidas. Dentro do caixão vibraram várias pancadas, porém, um tanto confusas! Exigi as três que tinha pedido e então, compassadamente, fortes, mas cavernosas, as três pancadas foram nitidamente vibradas.

Deram-se estes fenómenos numa bela tarde de sol! O tempo estava pesado pelo calor; não se movia uma fôlha, ninguém passeava e afirmo ao leitor que nem D. Maria nem eu estávamos sonhando!

Deixo aos sábios tirarem sôbre êste caso as conclusões que entenderem!

Seria uma força inteligente que se exteriorizava do médium e obedecera à minha vontade?!... Quem o poderá afirmar ou negar?!...

Esta sessão impressionou mal D. Maria de Andrade. A sua coragem naquela hora, ainda que misturada de medo, não me deixou prever a reprovação que ela me manifestou no dia seguinte, nem a resolução que tomou, de nunca mais se prestar a semelhantes experiências no cemitério, o que considerava uma profanação aos mortos! E não foi só ela que censurou essa experiência, foram, disse-me essa Senhora, todas as pessoas a quem tinha contado o facto!...

Infelizmente, assim é! Não estamos ainda no tempo em que os espíritos libertos do medo «Do que hão de dizer», dos preconceitos e dos prejuizos enraizados, tenham a ousadia e a coragem de dizer o que pensam!...

O que não é de fácil compreensão é a razão porque as pessoas que reprovam experiências feitas no campo dos mortos, *as aprovem quando são feitas nas suas casas!*... O fim não será o mesmo?! Ou será simplesmente, porque um pouco de cinza, fechada há anos num túmulo perpetue a recordação *material* e não *imaterial*, daqueles que devemos amar e ter saudade, tanto entre a aglomeração de gente, como no socêgo do túmulo ou no recolhimento dum quarto?!...

Pretendem que vamos perturbar o descanso dos mortos!... Em primeiro lugar, o que é o repouso dos que viveram na Terra?... Em que turvamos nós os mortos?...

Se fôr verdade que são eles que comunicam conôscos, julgo ser natural que nos queiram fazer conhecer o que chamamos «O Além»... Se realmente os que morreram são os autores dos fenómenos psíquicos, porque havemos nós de nos privar, uns e outros, de um laço que nos reúne de um a maneira tão singular, tão poética e misteriosa?!...

Lisboa

MADALENA FRONDONI LACOMBE

Enviamos gratuitamente esta Revista a todas as colectividades portuguesas que possuam gabinete de leitura, desde que seja pedida à Administração.

Federação Espírita Internacional

Reüniram-se em Paris, na Casa dos Espíritas, sede da Federação Espírita Internacional, nos dias 26 e 27 de Setembro, as Comissões Executiva e Geral, para tratarem de assuntos relativos ao movimento espírita mundial, alterando uma parte dos estatutos de modo a permitir a filiação de sociedades que desejem agregar-se à Federação Espírita Internacional, independentemente, e sem filiação nas respectivas Federações nacionais.

Na reunião da Comissão Geral, reunida a 27 de Setembro, estavam presentes: Mr. Jean Meyer, Vice-Presidente da Federação Espírita Internacional e presidente da Comissão; Mr. André Ripert, Secretário Geral da Federação E. I., representando Portugal; Mr. Pauchard, Tesoureiro da F. E. I.; Mr. Beversluis, 1.º vogal da F. E. I., representando a Holanda; Mr. Bruns, 2.º vogal da F. E. I., representando a Alemanha; Mr. Oaten, Director de *The Two Worlds*, representando a Inglaterra; Mr. Knott, Secretário Geral da *British Spiritualist Lyceum Union*, representando a Inglaterra; Mr. Lhomme, Director de *La Vie d'Outre Tombe*, representando a Bélgica; Mr. Jean Booss, representando a Suíça; Mr. Louis Gertsch, representando a Espanha pelo Centro *Caridad y Libertad*; Mr. Melusson, primeiro representante da França e delegado pelo México para o representar; Mr. Forestier, representando a União Espírita Francesa; Mr. Wanger, representando a Federação Espírita Argentina e a Federação Espírita Brasileira. Não puderam comparecer Mr. Geo F. Berry, presidente da F. E. I.; Mr. Raul Montandon, primeiro representante da Suíça.

Não se achavam representadas a Africa do Sul, Cuba e as Indias Britânicas. Mr. Meyer, presidente da Assembleia, lê o seguinte discurso inaugural:

« Meus Senhores e Caros Irmãos: Eis-nos reunidos aqui pela 4.ª vez desde a fundação da nossa Federação.

Partilhareis todos comigo o pesar de não termos entre nós o nosso Presidente, retido no seu país por outros deveres. Estou certo de que está entre nós pelo pensamento; o nosso vai para êle, a-fim-de lhe testemunhar a nossa simpatia e provar-lhe o nosso reconhecimento pelos serviços que prestou à Causa.

Está também ausente um outro grande vulto: Léon Denis, o querido autor espiritualista, o nosso membro de honra, aquele que presidiu com tanta competência e autoridade ao nosso Congresso de 1925, abandonou o nosso plano terrestre. Mas temos a certeza de que êle continua a inspirar os nossos trabalhos.

Temos igualmente a deplorar a partida de Miss Scatcherd, uma das grandes propulsoras do espiritualismo moderno. Pela sua afabilidade, a sua inextinguível caridade e dedicação a todas as obras humanitárias, criou amizades e simpatias no mundo inteiro. Conservemos destes ardentes apóstolos uma recordação fiel.

Cumpre-me o grato dever de dirigir a todos vós as minhas cordiais e fraternais saudações.

Tendes entre mãos a série das nossas deliberações e decisões a tomar. Se outras proposições vos forem apresentadas, tenho a certeza de que lhes sabereis achar igualmente a solução, com êsse largo e tolerante critério de que a nossa Federação Internacional continuará a usar; ela permanecerá aberta a todos os sinceros investigadores da verdade. A verdade é una, não podendo por isso ser o apanágio duma seita ou duma religião. A tolerância, que é a base da moral espírita, impõe-nos o dever de respeitar todas as crenças.

A nossa doutrina deve ser aceite livremente e não por constrangimento uo

por imposição de quaisquer dogmas. Proclamando a liberdade de consciência, como um direito natural e inalienável, seguirá a evolução progressiva que é a sua razão de ser. A imobilidade torna-se sempre uma causa de enfraquecimento, porque separa os que desejam avançar dos que se obstinam em ficar para trás. Contudo, para acompanhar o progresso, é necessário fazê-lo com prudência e método, nem demasiado cedo nem demasiado tarde, e com conhecimento de causa.

Apoiado nas leis da natureza, o Espiritismo não deve fechar a porta a nenhuma ideia nova. Tem por dever seguir e estudar todas as descobertas; identificar-se com todas as ideias reconhecidamente justas de qualquer ordem, física ou metafísica. Deve voltar-se cada vez mais para a ciência que será no futuro o seu poderoso auxiliar, confirmando, com toda a sua autoridade, o que as experiências espíritas há mais de 50 anos nos ensinaram e demonstraram.

Nos últimos anos tem sido criadas no mundo inteiro sociedades psíquicas e metapsíquicas. Sábios eminentes estudam com ardor e paixão os árduos problemas da metapsíquica, destinada a tornar-se a ciência das ciências.

O III Congresso Internacional de Investigações Psíquicas que se inaugurou ontem na Sorbonne, sob a presidência do Prof. Charles Richet, é uma prova da evolução que se está operando e que nos permite entrever o grandioso futuro do Ideal que defendemos.

E' por isso que, ao terminar, apelo fervorosamente para os países que ainda não aderiram à F. E. I. E' dever de todas as sociedades espíritas e psíquicas secundar a nossa obra de propaganda e união.

A nossa tarefa é enorme. Temos necessidade do concurso moral e material de todos os que vêm na prática do ensino do espiritismo raciocinado, científico, moral e social, bem como nos estudos metapsíquicos, a força irresistível que há-de transformar a vida da humanidade.» (1)

Terminado este belo discurso que foi muito aplaudido, a Comissão prestou homenagem aos desincarnados que a F. E. I. perdeu durante o ano e que o presidente lembrou.

Entrando-se na ordem do dia procedeu-se à leitura do relatório da última Comissão Geral, que foi aprovado por unanimidade, e à leitura do relatório da Secretaria Geral que igualmente foi aprovado. No decurso da apreciação deste último relatório produziram-se afirmações interessantes, e em especial a de Mr. Ripert que disse desejaria juntar ao seu relatório o resumo do discurso do Prof. Hans Driesch no Congresso de Investigações Psíquicas, estabelecendo o paralelo entre a metapsíquica e o espiritismo, no que foi apoiado por Mr. Vaten que declarou que só o facto da Sorbonne ter aberto as suas portas a este Congresso deveria ser razão bastante para constar do relatório, informando que na Inglaterra a *British Association* admitiu que o espiritismo é matéria de estudo científico.

Mr. Lhomme falou seguidamente dos progressos do Espiritismo na Bélgica e Mr. Knott declarou que o movimento espiritualista tem procurado aproximar-se da Sociedade das Nações para lhe fazer sentir quanto as idéas pacifistas nêle dominam,

Nota da Direcção:

(1) — Temos o subido prazer de constatar que este belo discurso do nosso ilustre confrade, M. Jean Meyer, que ao serviço do Espiritismo e da Metapsíquica tem posto a sua nobre dedicação e as altas qualidades do seu espírito, exprime dum maneira singela e brilhante a orientação que a Federação Espírita Portuguesa se impôs, estando perfeitamente integrada na ampla orientação da Federação Espírita Internacional, a que prestamos as nossas mais íntimas e profundas homenagens e a quem enviamos os nossos melhores votos de confraternização.

tendo o tesoureiro, Mr. Pauchard, declarado que, em nome da F. E. I., tinha contribuído para o *Bureau International de la Paix* com 25 francos suíços.

Procedeu-se depois à leitura do relatório do Tesoureiro que só foi posto à votação mais tarde, depois do exame dos membros do Conselho Fiscal.

Tratou-se seguidamente da modificação dos estatutos já proposta o ano passado por Mr. Jean Meyer e que foi aprovada por unanimidade depois de ligeira discussão. As modificações incidiram apenas nos art.^{os} 4, 5, 10 e 14 e sintetizam-se no seguinte :

«As associações participantes são admitidas com as mesmas formalidades que as Federações ou grupos aderentes. A sua contribuição anual é deixada ao seu critério com um mínimo de 50 francos-ouro. Devem pôr a F. E. I. ao corrente dos seus trabalhos num relatório anual dirigido ao Secretário Geral da F. E. I., antes da reunião da Comissão Geral ou da Assembleia Geral (Congresso). As associações participantes podem, como as Sociedades aderentes, designar os seus delegados às Comissões Gerais e às Assembleias Gerais. O seu número é limitado a um delegado, tendo somente voto consultivo. As associações participantes são, como as sociedades aderentes, regularmente informadas dos trabalhos da F. E. I. de que recebem comunicações oficiais».

Apreciaram-se a seguir os pedidos de filiação de sociedades e a Confederação Espírita Argentina, representada por Mr. Wanger, foi admitida como aderente por unanimidade.

Da Argentina desejam fazer parte da F. E. I. duas sociedades não filiadas na C. E. A. : a Sociedade «Luz y Vida» e «Miguel Vives» que a Comissão resolve aceitar como participantes desde que a C. E. A. dê delas informações favoráveis.

A Federação Espírita Mexicana representada por Mr. Melusson é igualmente aceite como aderente, tratando-se depois da admissão de Portugal.

Patrocinada por Mr. Ripert que a representava e por Mr. Jean Meyer, que para ela tem sido duma cativante bondade e gentileza, foi a Federação Espírita Portuguesa admitida por unanimidade como aderente à F. E. I., pagando a contribuição fixa mínima de 50 francos-ouro, com a declaração de que ela será aumentada desde que desapareçam as dificuldades financeiras com que tem lutado até agora.

Na sessão da tarde o relatório do tesoureiro foi aprovado por unanimidade, abordando-se seguidamente a redacção dum dicionário espírita que, a-pesar dos preciosos elementos compilados nas obras mais importantes do espiritismo e da valiosa contribuição de Mr. Gertsch, de Barcelona, não chegou a resolver-se ser elaborado, aguardando o resultado dos trabalhos que sobre o mesmo assunto o III Congresso Internacional de Investigações Psíquicas discutisse.

No Congresso verificou-se porém ser por enquanto impossível estabelecer um glossário internacional, tendo-se resolvido adoptar, até ulterior resolução, o vocabulário de Myers, do seu livro «Human Personality», completando-o conforme as necessidades.

O assunto principal que se discutiu então foi a organização do Congresso Espírita Internacional de 1928 a realizar em Londres de 8 a 13 de Setembro, tratando-se em particular da forma de obter receita para a sua realização, da edição do relatório do Congresso e das comunicações que a êle concorressem e que deverão ser enviadas ao Secretariado Geral da F. E. I., onde serão classificadas em 3 secções : a) Fenómenos (mediunidade) ; b) Filosofia (moral, ética e religiões) ; c) História e organização.

Resolveu-se abrir uma subscrição em todos os jornais espíritas do mundo, logo que se tenham elaborado as condições dessa subscrição, para subvencionar o Congresso e a impressão do seu relatório.

A sessão foi encerrada tendo os trabalhos decorrido com a calma e serenidade próprias duma assembleia desta natureza.

BIBLIOGRAFIA

Mundo Novo, de D. Ana de Castro Osório.— *E'*, sem favor, um excelente trabalho em que a autora pôs a nota inconfundível da sua individualidade forte e dominante, já consagrada, de há muito, no meio literário português, como uma das mais illustres e originais escritoras.

No género descritivo encontramos páginas dum vigoroso colorido, hinos de amor e de encanto à luxuriante e maravilhosa flora do Brasil, que, por vezes, nos lembram algumas páginas primorosas do grande Fialho. Mas o grande mérito do admirável trabalho literário da senhora D. Ana de Castro Osório impõe-se pelas teses filosófico-sociais e neo-espiritualistas que constituem a estrutura máxima dos princípios de alta moralidade que procura definir, através de todo o entrecho da sua obra, numa bem equilibrada harmonia de sentimento e de raciocínio.

A emancipação da mulher é a tese dominante, admiravelmente trabalhada, sem cair em mórbidos feminismos, de que tanto se tem abusado na época contemporânea.

O Espiritismo é abordado pela senhora D. Ana de Castro Osório, sem subtilidades, numa forma franca e sincera, sem receio dos apodos sarcásticos dos ignaros ou dos malévolos. Só esta nobre coragem seria digna de toda a nossa admiração nos tempos calamitosos de cobardia moral que atravessamos.

Em conclusão: «O Mundo Novo» é um poderoso estímulo para a regeneração duma sociedade corrupta e mercantil, tecido num elevado objectivo de neo-espiritualidade, em que tanto as idéas directrizes como a forma em que são moldadas se impõem ao respeito e consideração dos leitores, constituindo mais um triunfo para a sua consagrada autora.

A edição é esplêndida, como é já habitual na conceituada Companhia Portuguesa Editora, do Pôrto.

Os Cavaleiros da Paz, de Eduardo Quintela. — Teses sociais apresentadas num estilo elegante e desprezencioso, levadas nas asas do sonho para um país distante — longe, muito longe, dos turbilhões de egoísmo e de ferocidade que conturbam e dominam ainda a sociedade contemporânea, incompatível, por agora, com a realização dum Ideal tecido de bondade e de abnegação, como aquele que norteia o seu autor, na suprema aspiração duma solidariedade integral, elevada ao fastígio da fraternidade cristã.

Este livro não pertence ao nosso século, mas, sim, aos séculos vindouros, em

que a humanidade compreenda e saiba realizar a Unidade, na sua mais nobre e elevada concepção espiritualista e cristã.

A grande missão de todos os percursores é cristianizar pela palavra, pela pena, e, muito especialmente, pelo exemplo, a fim de prepararem o advento dessa decantada Fraternidade Universal. Os frutos só podem ser colhidos na estação própria.

E' digna do nosso maior elogio a tentativa literária e sociológica do sr. Eduardo Quintela, fazendo votos por que as teses expostas tenham uma realização próxima, minorando assim tantas dores e sofrimentos das classes proletárias.

A edição, bem apresentada, é da Livraria Rodrigues, de Lisboa.

Almanach d'«O Pensamento» — S. Paulo (Brasil). — Este almanaque entra no glorioso 16.º ano da sua publicação, com uma feição científica, filosófica, astrológica e hermética.

E', no seu género, uma das melhores publicações, prestando relevantes serviços a todos os ocultistas pelos variados ensinamentos que contém, sendo essencialmente instrutivo e de seleccionada colaboração e factura.

Felicitando o nosso compatriota, sr. A. O. Rodrigues, ilustre Director da esplêndida revista «O Pensamento», prestamos-lhe a devida homenagem pelos admiráveis serviços prestados no Brasil na propaganda do hermetismo e esoterismo, através das variadas correntes neo-espiritualistas, num ecletismo elevado, editando tantíssimas dezenas de obras dos melhores autores contemporâneos.

A edição é primorosa, como todas as que são publicadas pela Livraria «O Pensamento» — Rua Rodrigo Silva, 40 — S. Paulo (Brasil).

Esfinge, de António Carvalhal. — E' um encantador punhado de sonetos, dividido em três partes: *Almas Heróicas* — *Cadáveres* — *Através do Mistério*. Na última parte tem composições de grande inspiração, aliada, por vezes, a uma forma impecável duma elevada e nobre espiritualidade.

Fazemos votos para que o apreciado autor da «Estrada de Damasco» conquiste com esta nova obra igual successo.

A edição, elegante e cuidada, é da Livraria Fernando Machado, Ltd., do Pôrto.

*

Cumpre-nos agradecer a gentileza de todas as ofertas.

A. J. F.

REVISTA DAS REVISTAS

CATOLICISMO E ESPIRITISMO

Um dos factores mais importantes do descalabro moral que notamos actualmente, é, sem dúvida, a insuficiência das crenças mais vulgarizadas.

Realmente não há ateus, e os deuses, no fundo, são sempre o mesmo, porque as concepções humanas, sendo relativas, é que variam e não as realidades que são absolutas em si mesmas. O descrédito das religiões gerou o indiferentismo religioso, e a apreciação superficial das desigualdades e misérias do mundo, acordou o sentimento de revolta pela aparente impossibilidade de os conciliar com a idéa intuitiva de Deus que todo o homem possui.

Aqueles que profundam o estudo das religiões, despindo-lhes a roupagem apertada de dogmas ridículos, com que os interesses sacerdotais as paramentaram, ficam maravilhados com os tesoiros que descobrem e teem a doce consolação de verificar a solidez dos seus princípios fundamentais comuns a todas elas na sua pureza inicial.

Foi sempre a classe sacerdotal que, falseando e traíndo a sua missão religiosa para satisfazer apenas ambições políticas, conduziu as religiões ao descrédito e à ruína, e a humanidade ao ateísmo e à negação.

Há quasi vinte séculos, em meio dum povo bárbaro e oprimido, um homem, divinizado pela virtude e pela sabedoria — o Mestre dos Mestres — exemplificou a humildade e o amor; nasceu num estábulo e morreu na cruz.

Outrora, os místicos indús, levando uma vida contemplativa na solidão áspera dos montes, fundiram o Universo numa idéa panteísta de Deus — o Todo — donde se elevaram depois à concepção pura do — Irrevelado. O *esoterismo* das civilizações culminantes tinha assimilado esta idéa, e o *exoterismo* descia por vezes à mais baixa idolatria.

Entanto os hebreus mantinham a concepção primitiva dos povos bárbaros: Jeová era um Deus feroz e vingativo que precisava de ser temido.

Na Palestina ia brilhar um astro novo: Jesus trazia ao mundo uma nova concepção de Deus. Já não era o Todo insensível às vibrações dum átomo ou a alta abstracção do Irrevelado, nem tão pouco o Senhor que odeia, mas o Deus de Justiça que é também o Pai de Misericórdia, que ama a todos, e quer que os filhos se amem como irmãos. Até mesmo na dor o homem pode sentir pulsar o coração divino, porque há consolações para todas as mágoas, alívio para todos os sofrimentos, remédio para todos os males: o reino dos Céus pertence aos deserdados.

A palavra de Jesus tinha ecoado no mundo, velada através dos apóstolos, e o sangue do martírio tinha-lhe dado alentos novos, transfundindo-lhe a seiva do triunfo. Mas em breve, os sacerdotes, tendo desprezado o reino de Jesus, quiseram reinar no mundo, trocando a vida humilde e simples dos apóstolos pela orgia faustosa e desbragada do Vaticano. Em vez do espírito de renúncia e de sacrifício, eram movidos pela ambição e pelo interesse, usando da violência em vez da doçura, semeando o ódio em vez do amor.

Os fariseus, crucificando o corpo de Jesus, nimbaram-lhe a alma duma auréola divina — *Homem*, era o Caminho de Deus, modelo sublime de todas as virtudes que o homem podia realizar; mas a Igreja, divinizando-o, crucificou-lhe a alma, obscureceu-lhe a vida, destruiu-lhe o sacrifício — *Deus*, não podia servir de modelo ao homem. O *Deus-Homem* desceu quanto o *Homem-Deus* tinha subido.

Os concílios abafaram a voz de Jesus no vácuo dos dogmas, e a luminosa amplitude da sua doutrina reduziu-se aos horizontes mesquinhos do mais abominável fanatismo e da mais ignava intolerância. Ai daquele que procurasse emancipar o pensamento humano, deixar-lhe crescer as asas, levá-lo para a luz, tirando-o da caverna escura onde o haviam lançado, porque tinha de experimentar a rija têmpera do ódio fradesco que vibrava punhaladas no silêncio.

As chamas do inferno já não chegavam para torturar as almas dos heréticos, e os anátemas produziam o efeito das cócegas: ouvia-se o gargalhar sinistro do demónio. O concílio de Verona, em 1183, lançou então as bases da *santa inquisição*, que tinha a dupla vantagem de eliminar e confiscar os bens aos ricos e poderosos que não se harmonizavam com a teocracia clerical.

Tudo o que interessa a vida espiritual, desde os confortos sacramentais à absolvição dos pecados, reduz-se no catolicismo a uma questão financeira, e o crente, com indulgências e bulas, pode transgredir as bases fundamentais da doutrina, porque a absolvição dum padre limpa todas as nódoas.

Assim, o Céu, não é mansão dos justos, como era de esperar, mas uma espécie de tribuna donde os pecadores que compram a remissão dos pecados a pêsos de ouro, contemplam triunfantes as carantonhas terríveis que fazem no inferno as falanges de condenados, por entre o crepitar das labaredas, contorcendo-se no desespero da maldição eterna. E assim como o padre pode salvar todas as almas peccadoras, embora salve apenas aquelas que em vida lhe pagaram a absolvição (!!!), um justo será arremessado para o inferno, vivendo a eternidade dos suplícios, desde que morra sem os mágicos sacramentos católicos. . .

E depois, como pode o homem procurar a salvação, se ela é arbitrária e não depende de si, porque o seu destino foi fatalizado pela *predestinação* ?

O homem era assim o ludíbrio de Deus, e como está para êle na relação do efeito para a causa, não tinha garantia alguma; restava-lhe cruzar os braços e aceitar miseravelmente os golpes do destino, cabeça baixa, ombros caídos, pernas vergando.

Partindo de princípios falsos gera-se o absurdo, e foi assim que o catolicismo, com dogmas monstruosos, produziu o amontoado absurdo das suas concepções.

A idéa de Deus que se deduz destes princípios é a negação de si mesmo: um monstro que pratica o mal e exige o bem; tão perverso que, sendo omnisciente, cria seres que se destinam às torturas do inferno por tãda a eternidade; tão vingativo e reservado que os pecados dos pais transmitem-se aos filhos; tão injusto que cria os seres todos diferentes sem outro motivo que não seja o capricho da predestinação; tão mesquinho, tão ignorante e tão fraco, que dá lugar a que os anjos se revoltem e andem a tentar os mortais que os anjos bons não podem defender nem amparar.

Foram absurdos desta natureza que cavaram mais fundo o abismo da descrença, e determinaram a necessidade da nova Revelação que o Espiritismo vem trazer, repondo o Cristianismo nos seus alicerces fundamentais.

O Espiritismo é geralmente desconhecido na sua verdadeira essência e por isso desvirtuado ao sabor de inconfessáveis interesses. O Espírito de Verdade, Consolador prometido por Jesus, desceu sôbre a Terra para reconduzir a humanidade transviada do Verdadeiro Caminho.

Todos os seres foram criados em absoluta igualdade de condições e porisso possuem exactamente as mesmas possibilidades que hão de dinamizar mais e sempre, através do Tempo, pelo Espaço em fora. No desenrolar da sua vida, os seres vão desenvolvendo o germen que representam, orientando êsse desenvolvimento no sentido das suas tendências predominantes. *A evolução é um princípio fundamen-*

tal, que justifica plenamente a desigualdade, mostrando ser o resultado lógico duma diferenciação anterior, e não inicial.

Uma vida, porém, considerada na reduzida marcha que vai do berço ao túmulo, não chegaria para atingir as culminâncias da virtude e da sabedoria — finalidade de todos os seres. *As vidas sucessivas, que são a escada da Perfeição, constituem o segundo princípio fundamental.*

Assim se compreende que haja crianças prodígios, sem colidir com a justiça de Deus, e os conhecimentos inatos representam as aquisições do espírito em vidas anteriores. Não é eleito da predestinação nem da graça.

A evolução não é impessoal, como pensam os materialistas, mas individual, pois só mantendo a individualidade de consciência se pode compreender que haja acumulação de conhecimentos. A evolução implica um fundo permanente e contínuo. Dessa permanência e continuidade, resulta o encadeamento profundo de harmonia que liga causa e efeito, e assim se explica, nitidamente, a solidariedade Universal e a reacção correspondente a tóda a acção, quer no campo físico das realizações objectivas, quer no campo moral das realizações subjectivas. Daí provém a responsabilidade física e moral de todo o acto, correspondente à sua natureza formal e ao seu significado intencional. E' nisto que consiste o *karma* — *terceiro princípio fundamental.*

O mal já não tem assim uma existência absoluta, fatal, eterna, mas apenas um carácter relativo, aparente, transitório. Somos os árbitros do nosso destino pela directriz que escolhermos para a nossa vida.

O Sér não se pertence porque não foi a razão de ser, a causa de si mesmo. Êle não foi criado para si porque ainda não existia, e porisso a sua finalidade está fora de si; em contraposição, os elementos que a determinam existem todos dentro de nós. Da orientação e dinamização desses elementos é que depende o grau da nossa felicidade pelas reacções que provoca.

O egoismo é assim oposto absolutamente ao objectivo da existência, porque o sér não preenche a função para que foi criado.

A felicidade não se compra, como no catolicismo, mas conquista-se. Também não há condenados à maldição eterna, porque o pranto dissolve todas as nódoas e a virtude resgata todos os pecados.

A teoria das reencarnações em que o karma anterior constitui o trama dos acontecimentos fatais e os acontecimentos fortuitos determinam o karma futuro, concilia perfeitamente a desigualdade e a justiça, a fatalidade e a liberdade, resolvendo ao mesmo tempo o torturante problema do mal.

No Universo tudo é solidário, e os laços do amor são tão fortes que a morte não os quebra nem desata: entre incarnados e desincarnados há uma estreita comunhão que mais se acentua durante o sono e por intermédio das várias espécies de mediunidades. Os médiuns, não são seres privilegiados por um condão especial, como muita gente supõe, mas indivíduos cuja organização se adapta melhor a êsse fim, quer por tendências espontâneas, quer por desenvolvimento das faculdades que todos possuímos. O magnetismo, desarticulando o sér, encerra o segrêdo de todas as mediunidades. *A comunhão entre incarnados e desincarnados, constitui o quarto princípio fundamental.*

De «Luz e Caridade» — Braga.

ANTÓNIO L. VILELA

NOTICIÁRIO

PORTUGAL

○ **Espiritismo em Portugal** — Sob esta epígrafe, transcrevemos do importante diário — «*Gazeta de Notícias*» — do Rio de Janeiro :

«*Portugal acaba de fundar a sua Federação Espírita e bem assim uma revista de espiritismo, cuja administração tem sua sede à rua Assunção, número 58, 4.º, Lisboa. A revista vem repleta de estudos interessantes e informações diversas. Traz em uma das suas páginas os retratos da primeira directoria, assim constituída: general Júlio César Barata Feyer, conselheiro Dr. João José da Silva, antigo presidente do Supremo Tribunal de Justiça; Dr. Afonso Acácio Martins Velho, advogado e escritor; capitão José Bernardo Pinto da Silva, professor do Colégio Militar.*

O trabalho tipográfico recomenda-se pelo gosto artístico que logo se vê na capa e no corpo da revista.

A leitura agrada e o leitor vai de página em página, suavemente, sem se fatigar, e à medida que percorre as suas páginas, vai-se-lhe também fazendo maior a alegria.

Parabens, pois, à Federação Espírita Portuguesa.

E' representante da Federação Espírita Portuguesa, o sr. António José Alves, confrade fervoroso que, na sua profissão de viajante comercial, percorre o Brasil de norte a sul, acendendo a fé nos corações entibiados pela descrença e levando a toda a parte o encorajamento e a solidariedade dos seus co-irmãos de Portugal.

Para estabelecer o intercâmbio de relações entre os espíritas de aquém e de além mar, foi, em reunião, realizada na Federação Espírita Brasileira, eleita uma comissão delegada da Federação Espírita Portuguesa no Rio de Janeiro, composta de 12 membros, tendo por directores os srs. dr. Leal de Sousa, presidente; José Guimarães, secretário; Américo Lopes Vieira, tesoureiro.»

Propaganda espírita — O nosso dedicado Confrade, sr. A. A. de Freitas e Silva, estudante de Filosofia e de Ciências Históricas na Faculdade de Letras, da Universidade de Lisboa, vem desenvolvendo uma actividade, digna de todas as homenagens, na propaganda do Espiritismo nesta capital, revelando admiráveis qualidades de erudição e de eloquência, a-pesar da sua pouca idade.

Em várias Associações de Classe e na

Universidade Livre realizou com notável successo as seguintes conferências: «Os primeiros passos na vida» — «Uma apreciação da Morte» — «O Pensamento na Questão Social» — «Critério não darwinista da Evolução».

Transcrevemos algumas apreciações do «*Diário de Notícias*», de Lisboa :

«*Na Universidade Livre realizou ontem o sr. Freitas e Silva uma conferência subordinada ao tema «Uma apreciação da Morte».*

O conferente dissertou largamente sobre a sobrevivência da alma, apresentando vários exemplos para demonstrar a veracidade dos fenómenos de materialização e citando, a propósito, as opiniões espendidas sobre e assunto por homens de grande reputação científica.

Depois de descrever o que é a lei da causalidade, o orador terminou a sua dissertação afirmando que a fé e a razão se completam, não havendo motivo para antagonismo entre a religião bem compreendida e a sciência sem sofismas.»

*

«*Na Universidade Livre realizou ontem uma conferência sobre «Os primeiros passos na vida» o sr. Freitas e Silva.*

Depois de frizar que o pensamento é a força que afasta o homem da animalidade, o conferente preconizou o culto do bem, da verdade e do belo para que a humanidade atinja a perfeição indispensável à sua felicidade integral.

A propósito, diz que as lutas verificadas no período decorrente correspondem a um estado de transição, preparatória de uma grande remodelação moral e social da humanidade. Os fenómenos que se constatam no campo psicológico são acompanhados por convulsões geológicas que confirmam a opinião de alguns homens de sciência sobre a latente formação de uma nova raça e de um novo continente. Daquela há já indícios na América ocidental, na Nova Zelândia e na Oceania.

Espraiando-se em considerações sobre as conquistas da sciência no campo experimental, o orador afirmou que os chamados milagres de Fátima e de Lourdes nada tem de sobrenatural, não passando de factos absolutamente explicáveis pelas leis hipno-magnéticas.

Ao terminar, o sr. Freitas e Silva fez a apologia do amor e da fraternidade, sendo muito aplaudido.»

Movimento Católico — Acabam de reunir-se em sessão magna, no Patriarcado,

os bispos das diversas dioceses de Portugal, a-fim-de tratarem do movimento religioso no nosso país.

Pelos relatos da imprensa diária depreende-se que uma das razões determinativas e predominantes desta reunião do Episcopado português foi o grande incremento e expansão que, ultimamente, tem tomado o Espiritismo em Portugal, sob os auspícios e patrocínio da Federação Espírita Portuguesa que não se tem poupado a esforços e sacrificios para intensificar uma propaganda dignificadora do nobre Ideal que a orienta para o ressurgimento do sentimento religioso do nosso país.

Folhetos de propaganda espírita — A Direcção da Federação Espírita Portuguesa tem elaborado um vasto plano de propaganda por intermédio duma larga distribuição gratuita de algumas dezenas de milhar de pequenas monografias, onde sejam expostos, com clareza e simplicidade, os múltiplos aspectos do Espiritismo e os seus princípios básicos, ao alcance das classes populares, tão arredadas no nosso país do verdadeiro sentimento religioso.

José Carlos Chelmicki Afillalo — Depois dum bem merecido descanso de alguns meses no nosso país, onde veio visitar sua estremecida Mãe, regressou ao Rio de Janeiro este dedicado e prestigioso Confrade, figura de relêvo no meio espiritista brasileiro, membro reeleito da Assembleia Deliberativa da Federação Espírita Brasileira e membro proeminente da Comissão Brasileira Pró-Federação Espírita Portuguesa, do Rio de Janeiro, a quem esta Federação deve já relevantes e inolvidáveis serviços.

A-pesar da sua curta demora em Portugal, o sr. Chelmicki Afillalo soube conquistar intensas simpatias e amizades no meio espiritista português, que teve a feliz e grata oportunidade de poder apreciar as suas invulgaras qualidades de admirável propagandista e de bem orientado e tenaz organizador.

Activo, inteligente e dedicado, trabalhador incançável e devotadíssimo na seara de Jesus, a sua valiosa in'erferência far-se-há sentir poderosamente para ainda mais radicar uma íntima confraternização entre espíritas brasileiros e portugueses, um dos objectivos da Federação Espírita Portuguesa.

O sr. Chelmicki teve a gentileza de presidir a algumas conferências na sede da Federação Espírita Portuguesa, onde dissertou brilhantemente sobre os Evangelhos, *em espírito e verdade*, tendo também dirigido com toda a proficiência os trabalhos experimentais de catequese numa das sessões espíritas ali realizadas, na presença de duas centenas de sócios aproximadamente.

O sr. Chelmicki Afillalo foi obsequiosamente portador de duas mensagens da Federação Espírita Portuguesa para a Federação Espírita Brasileira e para a Comissão Brasileira Pró-Federação Espírita Portuguesa, do Rio de Janeiro, e, ainda, incumbido *oficial-*

mente de apresentar pessoalmente saudações afecuosas e fraternais a todos os nossos prezados Irmãos brasileiros, que têm sido incançáveis paladinos na propaganda e dignificação do Ideal Espiritista e no carinho, benevolência e incitamento que têm manifestado pela novel Federação Espírita Portuguesa.

Conferências espíritas — Com feliz êxito têm continuado todas as tardes dos domingos, na sede da Federação Espírita Portuguesa, a série de conferências de propaganda espírita, com um a assistência sempre crescente de sócios e convidados, que, pelo valor dos conferentes e cuidada selecção dos assuntos expostos, muito têm concorrido para dignificar a doutrina espiritista e esclarecer os problemas mais complexos do Espiritismo.

Depois das conferências têm-se seguido os trabalhos experimentais de catequese de alguns desincarnados, tendo decorrido as sessões espiritistas com o mais feliz successo, não obstante algumas destas catequese terem sido de extrema dificuldade. A assistência a estes trabalhos práticos tem ido muito além da capacidade da sala de conferências, dificuldade que urge remediar com a possível brevidade, procurando sede mais espaçosa e ampla, estando trabalhando a Direcção da F. E. P. neste sentido.

Têm presidido a estes trabalhos os srs.: José Carlos Chelmicki Afillalo, Rio de Janeiro; António Augusto dos Reis, Pará; Francisco da Mota Júnior, Lisboa; Aires Vaz Raposo, Lisboa; Alferes António da Silva Teixeira, Lisboa; Engenheiro José A. Manique de Albuquerque, Lisboa.

Conferentes, os srs.: Dr. António J. Freire; António L. Vilela; A. A. de Freitas e Silva; José Carlos Chelmicki Afillalo; António Augusto dos Reis; Pedro Cardia; António Pires de Andrade; Capitão José António Lamelas; Augusto Araújo.

*

A Direcção da Federação Espírita Portuguesa, tomando na devida consideração o pedido de grande número de sócios, participa que os trabalhos até aqui realizados aos domingos passam a efectuar-se, no próximo ano de 1928, todos os sábados das 21 às 24 horas.

As palestras versarão, especialmente, o estudo dos Evangelhos, em espírito e verdade, e o experimentalismo espiritista e metapsíquico.

*

«A Doutrina Espírita da Reincarnação» — A convite da «Hongkong Lodge The Theosophical Society», realizou, na respectiva sede, uma interessante conferência subordinada ao título desta epígrafe, o nosso dedicado Confrade, Delegado da Federação Espírita Portuguesa, em Macau, sr. Manuel'nácio de Rezende, tendo decorrido com todo o brilhantismo, na presença duma selecta

e numerosa assistência da elite da cidade de Hongkong.

Agradecendo a oferta de algumas dezenas de exemplares desta conferência, gentilmente oferecidos pelo seu autor, que será devidamente apreciada na próxima secção bibliográfica, justo é prestar a merecida homenagem a êste nosso prestimoso Confrade que, em Macau, vem sustentando, de há muito, as mais rijas e vitoriosas pelepas jornalísticas contra os desmandos do dogmatismo clerical naquela florescente colónia portuguesa.

«**Revista de Espiritismo**» — A falta de espaço, com que vem lutando esta revista desde o seu início, tem impedido de fazer as devidas transcrições das apreciações que tem merecido da gentileza da imprensa estrangeira e nacional, dignas de todo o reconhecimento, constituindo um generoso e benévolo incitamento à obra de renovação religiosa e de regeneração social empreendida por esta revista, como órgão da Federação Espírita Portuguesa e seu fiel intérprete.

Do importante diário carioca, um dos quotidianos de maior expansão no Brasil, transcrevemos agradecidamente:

«Acaba de chegar de Lisboa o n.º 3, desta importante Revista, órgão da Federação Espírita Portuguesa, há pouco fundada na pátria lusitana e já alastrando raízes por todo o vasto território do Brasil.

A Revista de Espiritismo é, em tudo e por tudo, uma publicação digna da sociedade de que é órgão. O papel, a impressão e arte gráfica, como o dos números anteriores, nada deixam a desejar. A capa a duas côres; o texto, intercalado de fotografias transcendentais, obedece ao seguinte sumário:

I — *Sobre a imortalidade* (Ensaio) António L. Vilela. II — *A Alma Humana* (Neopsiquismo Experimental) Dr. António J. Freire. III — *Léon Denis* — *A Comissão Directiva*. IV — *Crónica Estrangeira* (Mediunidades notáveis) Pedro Cardia. V — *Factos supranormais* (Uma nova mediunidade) Luís Fialho. VI — *Revista das Revistas* (A Federação Espírita Portuguesa) Dr. António J. Freire. VII — *Noticiário*. VIII — *Caixa de Propaganda*.

A Revista de Espiritismo está exposta à venda nos principais pontos de jornais e na Livraria da Federação Espírita Brasileira, Av. Passos, n.º 28.»

Da «Luz e Caridade» — Braga — «Acusamos e agradecemos penhorados a recepção do 1.º número da Revista de Espiritismo, nova publicação e órgão da Federação Espírita Portuguesa.

Em boa hora seja ela vinda sob as bênçãos inefáveis e amorosas de Jesus. Com a sua feição acentuadamente científica será ela mais uma tocha resplandecente que vem alumiar a escuridão em que

se encontram mergulhadas, ainda, muitas almas inteligentes e reflectidas.

Estabelecendo com ela a permuta respeitosa da nossa humilde Revista, fazemos votos pela sua prosperidade material e espiritual».

Dos «Ecos do Além», Lagoa (Algarve):

«Apareceu, finalmente, a Revista de Espiritismo, publicação bimestral, órgão da Federação Espírita Portuguesa.

A sua apresentação é esplêndida, e corresponde plenamente ao fim a que se destina. O seu corpo redactorial é o mais selecto que se pode imaginar, pois nele não faltam médicos, médicas, advogados, professores, engenheiros, magistrados, militares e escritores de nomeada. O primeiro número correspondentc a Janeiro e Fevereiro do corrente ano vem bellissimo».

A' dedicação e generosidade dos nossos Confrades confiamos a propaganda e expansão desta revista, e a assistência à «Caixa de Propaganda» :

ESTRANGEIRO

O Espiritismo no Brasil — Tiveram a gentileza de nos comunicar a lista dos novos corpos gerentes os seguintes centros do Brasil:

Aliança Espírita Bagéense, filiada na Federação Espírita do Rio Grande do Sul, com sede em Bagé.

Ficou assim constituída a sua nova direcção:

Presidente, Major Octávio Pires Coelho, (reeleito); Vice-presidente: Dr. Cândido Ferreira; Secretário, João Corrêa Severo; Adjunto, José Evilásio da Silva; Tesoureiro, Elisiano Marques.

Mãos fantomais — A «*Gazzetta di Puglia*» publica a seguinte informação que «*The International Psychic Gazette*» reproduziu:

Na pequena aldeia de Groset, na provincia de Aosta, um pobre operário tuberculoso, sentindo-se perto da morte, pediu à família que, logo que êle expirasse, destruísse todo o fato e roupa do seu uso para não contagiar outras pessoas.

Os parentes não cumpriram a sua última vontade e guardaram tudo.

Cêrca de um ano depois, foi vista uma mão fluídica projectar-se fora do seu retrato, que estava suspenso na parede do quarto mortuário e que tentava apoderar-se das roupas do leito em que o operário tinha morrido.

Nov/Dez/1927

Os parentes aterrados por êste estranho fenómeno chamaram pelos vizinhos que também viram esta mão espectral.

O ilustre cronista da «*International Psychic Gazette*» lembra um facto análogo referido pela «*Luce e Ombra*» em 1907. A mão que então se manifestava e que se dizia ser enorme, deixou vestígios na camada de poeira que cobria um móvel e escreveu algumas frases de carácter religioso.

Uma noite de núpcias agitada—A mesma revista narra um caso singular ocorrido em Bari, nas margens do Adriático, onde uns jovens consortes fixaram residência, numa casa da Rua Pietro Ravanás 30.

Na própria noite do casamento, tendo os cônjuges adormecido socegradamente foi de repente acordada a noiva, Maria Farano, por alguém que lhe puxava por um braço.

Seu marido, Miguel Ladisa, resonava ao lado dela e não podia portanto ser incriminado.

Maria Farano sentiu de novo um puxão no braço e ficou aterrada.

Sentou-se na cama, abriu os olhos e viu ao lado do leito uma mulher procurando sentar-se num banco, ao meio do quarto.

— Quem sois vós? perguntou Maria algumas vezes.

Nunca porém logrou obter resposta.

Então a intempestiva visitante cresceu para a infeliz noiva e bateu-lhe com um pau.

Aos gritos de Maria pedindo socorro, Miguel acordou e perguntou-lhe o que tinha acontecido.

Ela contou-lhe então que uma mulher lhe tinha batido, embora já a não visse agora. Os sinais das pancadas, que o marido observou, estavam todavia bem visíveis.

O noivo levantou-se e fez uma busca à casa não achando ninguém.

A porta da entrada estava fechada e cuidadosamente trancada.

Voltou para o quarto sem compreender claramente o que tinha acontecido, atribuindo porém a um espirito aqueles grandes distúrbios, visto as portas e janelas se encontrarem inteiramente fechadas.

E' claro que os noivos não tornaram a adormecer e esperaram ansiosamente cheios de medo que o dia chegasse, decidindo não mais dormir nessa casa.

A-pesar-disso, não tendo conseguido arranjar nova moradia, ainda aí ficaram na noite seguinte.

Ao deitarem-se fecharam cuidadosamente a porta e puseram a chave debaixo do traverseiro.

Pouco depois de terem adormecido, a noiva acordou gritando:

Estrangulam-me!

Maria saltou do leito, mas atirou-se-lhe ao pescoço uma mulher de dedos enclavinhados e rígidos, tentando estrangulá-la.

Imediatamente o marido veio em socorro dela, sendo recebido a pau pelo fantasma.

O casal logo que poude correu para a

escada pedindo socorro e todos os habitantes do prédio acorreram julgando tratar-se de ladrões.

Quando souberam que êste alvoroço era provocado por um fantasma ficaram aterrados vendo as marcas dos maus tratos no corpo de Miguel Ladisa.

O que é mais interessante é que se souber ter acontecido na mesma casa um facto idêntico, havia alguns anos, passado igualmente com uns noivos, Vito Azzoni e Camilla de Nicolo.

A criada dêste casal declarou ter visto durante noites seguidas uma figura de mulher envolvida numa túnica monástica.

E' pois fora de dúvida que não se trata duma alucinação e que as marcas não são produzidas por autosugestão como nos estigmatizados, visto serem duas famílias a atestar os mesmo fenómenos.

O caso levantou celeuma em tôda a população de Bari.

X Os direitos de inquilinato em casas freqüentadas por espíritos—A mesma revista publica o resultado dum julgamento a que deu lugar um facto desta natureza e cuja sentença permitiu a anulação do contrato de arrendamento sem pagamento de qualquer renda.

O «*Mondo Occulto*» narrou pormenorizadamente êste caso e dêle foi extraída a notícia inglesa que reproduzimos.

Os termos da sentença proferida a 18 de Maio de 1927 no tribunal de Pomigliano no processo em que era autora a proprietária, Maria Cutinelli e réu Giuseppi Tommasini são os seguintes:

«*Na petição apresentada a certo tribunal a 24 de Agosto de 1926 e renovada em 12 de Outubro, M.^{me} Maria Cutinelli alega que Mr. Giuseppi Tommasini lhe arrendou em 6 de Abril de 1926 uma casa do seu prédio por 140 liras por mês, que se recusou até agora a pagar. Reclama a quantia devida e o despejo do inquilino.*

Ouidas as razões que Tommasini apresenta para não pagar, verifica-se que elas se fundam na infestação da casa por espíritos.

A questão da anulação dum contrato de arrendamento em caso semelhante não foi apenas levemente tratada por juizes.

Os fenómenos espíritas perturbaram a humanidade desde tempos imemoriais, e a sciência ocupou-se dêles em todas as épocas e em todos os países.

Desde a antiguidade que todos os povos teem o culto dos seus mortos, originado na fé viva na sobrevivência e na perfectibilidade da alma humana.

Os romanos acreditavam nos génios protectores, nos lares e nos penates. Todos os anos celebravam uma festa consagrada às sombras dos seus parentes e amigos.

Sócrates e o Imperador Augusto afir-

mavam ser protegidos por um espírito familiar. A Idade Média está cheia de acontecimentos extraordinários provocados por seres invisíveis. Prova-o uma abundante literatura e notavelmente muitos casos de procedimento legal entre proprietários e inquilinos por causa destes se queixarem dos distúrbios ocasionados por maus espíritos.

No Digesto — uma colecção das sentenças feita por ordem de Justiniano, havia uma neste género. (Livro XIX, tomo II, lei 27). Muitos juristas teem discursado sobre este assunto e entre eles o Cardeal Romano na *Dissertatio de rescissione contractus locali ob metum spectrorum*. (*Dissertação sobre a rescisão dos contratos de arrendamento fundada no terror dos espíritos*); *Styrins*, em *De Jure spectrorum* (*Sobre as leis respeitantes aos espíritos*). Muitos tribunais reconheceram de facto nos tempos antigos que o arrendamento poderia ser anulado quando a casa fôsse realmente assombrada.

No julgamento deste caso vários pontos de vista se apresentam :

1.º O espiritualista : O morto procura reatar as suas relações com os vivos.

2.º O ocultista : Um espírito satânico do plano astral diverte-se perturbando a paz dos seres humanos.

3.º O científico (materialista) : As manifestações são o resultado duma exteriorização do sistema nervoso.

Qualquer que seja a explicação, estas em presença de factos precisos e experimentalmente provados, cuja causa pode ser desconhecida, mas cuja existência é real.

Históricamente tais factos foram estabelecidos. Citaremos a aparição do Arcajo Rafael (Tobia VIII) e a da corça branca nos castelos de Hohenzollern,

dois casos que pertencem aos tempos antigos e modernos.

O código civil italiano, no seu artigo 1577, estipula : «O proprietário deve entregar a casa livre de defeitos ou eivas que a possam tornar inabitável pelas pessoas que a vão ocupar». Isto significa que a lei garante ao inquilino uma existência pacífica, com tranqüillidade e calma no santuário da família, para repousar das fadigas do dia. Isto é um elemento essencial num contrato de arrendamento.

Quando a casa é invadida por espectros de demónios, animais, monstros, faunos ; quando seres invisíveis gritam e causam distúrbios, especialmente durante a noite, despedaçando tudo ; quando estas entidades invisíveis atacam os inquilinos atirando-lhes pedras, não pode existir paz e tranqüillidade. O filósofo Kant dizia que não se considerava autorizado a regeitar as histórias de fantasmas porque numerosos testemunhos lhe faziam acreditar na sua realidade.

Em vista destes factos, baseando-nos nas considerações de muitos juriconsultos e tendo tomado conhecimento das circunstâncias do processo Cutinelli-Tommasini, consideramos provado que a casa alugada por Cutinelli a Tommasini está infestada por espíritos ; que isto causa graves perturbações ao inquilino actual como causou ao anterior, que abandonou a casa antes do termo do contrato ; e que Tommasini desconhecia este facto quando alugou a casa.»

O Juíz Ricciardi, do tribunal de Pomi-gliano d'Arco, julgou os factos alegados pelo inquilino bastantes para que Tommasini se recusasse a pagar renda pela casa.

O que aconteceria se isto se passasse no nosso país ?

Subscrição Pró-Federação Espírita Portuguesa

(Para despesas de instalação)

A. G., Lisboa — 100\$00 ; Anónimo, Lisboa — 100\$00 ; Tenente Joaquim Figueiredo Vieira, Almeirim — 100\$00 ; Carlos Alberto Fernandes, Alandroal — 20\$00 ; D. Antónia Costa Ribeiro Gomes, Beja — 20\$00 ; Alfredo Augusto Cardoso, Lousada — 15\$00 ; Francisco França, Lisboa — 10\$00 ; D. Alice Conceição Fernandes Reis, Alandroal — 5\$00 ; Manuel Joaquim Salomé, Alandroal — 5\$00 ; Feliciano Pereira Cardoso — 5\$00 ; Leandro António Bernardo, Alandroal — 5\$00 ; José Joaquim da Silva Solas, Alandroal — 5\$00 ; Vítor Manuel Rita, Alandroal — 2\$50.

Caixa de Propaganda

(Subscrição permanente)

Firmino da Assunção Teixeira, Póvoa de Varzim — 500\$00 ; Manuel Jorge Gaio, Rio de Janeiro — 100\$00 ; A. C., Lisboa — 50\$00 ; Domingos Encarnação Vieira, Moçambique — 20\$00 ; Augusto Valdéz, Lisboa — 10\$00 ; António Joaquim Magalhães, Vila Nova de Ourém — 10\$00 ; Adriano Augusto Arcos, Lourenço Marques — 6\$50 ; Jerónimo Martins Rocha, Guimarães — 5\$00 ; António Augusto dos Reis, Rio de Janeiro — 5\$60 ; António dos Santos Longo, Moimenta da Beira — 5\$00 ; José de Matos, Lourenço Marques — 5\$00 ; Oriente, Lisboa — 5\$00 ; M. P. Lisboa — 2\$00 ; José Duarte Gomes, Lisboa — 1\$00.

ÍNDICE

<i>Apresentação</i> — A Comissão Directiva	3
<i>Profissão de Princípios</i> — Dr. ^h Amélia Cardia	6
<i>Sobre a existência de Deus</i> — (Ensaio) — António L. Vilela	10
<i>A Alma Humana</i> — (Neopsiquismo experimental) — Dr. António J. Freire	13
<i>Aos Espiritas Portugueses</i> — Dr. Afonso A. Martins Velho	19
<i>Factos Supranormais</i> — Um caso de telepatia — Uma materialização oportuna	20
<i>Materialismo, Positivismo, Espiritualismo</i> — Dr. António J. Freire	22
<i>O Espiritismo Científico</i> — Dr. Adolfo Sena	26
<i>Noticiário</i>	29
<i>Corpos Gerentes da Federação Espírita Portuguesa</i>	32
<i>Estatutos da Federação Espírita Portuguesa</i>	35
<i>Sobre a idéa de Deus</i> — (Ensaio) — António L. Vilela	41
<i>Espiritismo</i> — Pedro Cardia	47
<i>O Mito Satânico</i> — D. Maria O'Neill	50
<i>A Alma Humana</i> — (Neopsiquismo experimental) — Dr. António J. Freire	52
<i>Drs. Adolfo Sena e Alberto Zagalo</i> — A Comissão Directiva	54
<i>A Pastoral do Senhor Arcebispo de Braga</i> — Dr. António J. Freire	55
<i>General Viriato Zeferino Passaláqua</i> — A Comissão Directiva	69
<i>Crónica Estrangeira</i> — (Mediunidades interessantes) — Pedro Cardia	70
<i>Factos Supranormais</i> — Aparições do Papa Pio X no Vaticano	72
<i>Vozes do Além</i> — (Comunicações medianímicas)	74
<i>Noticiário</i>	75
<i>Sobre a Imortalidade</i> — (Ensaio) — António L. Vilela	81
<i>A Alma Humana</i> — (Neopsiquismo experimental) — Dr. António J. Freire	104
<i>Léon Denis</i> — A Comissão Directiva	109
<i>Crónica Estrangeira</i> — (O médium Carlos Mirabelli) — Pedro Cardia	110
<i>Factos Supranormais</i> — (Psicografia epidérmica) — Luís Fialho	113
<i>A Federação Espírita Portuguesa</i> — Dr. António J. Freire	114
<i>Noticiário</i>	116
<i>Lei da Causalidade</i> — (Karma) — Dr. António J. Freire	121
<i>As vias da Redenção</i> — António L. Vilela	127
<i>Maledicência — Benevolência</i> — D. Maria O'Neill	129
<i>O Espiritismo</i> — Silvestre de St. ^a Marta	131
<i>A Alma Humana</i> — (Neopsiquismo experimental) — Dr. António J. Freire	133
<i>Naturismo</i> — I — José A. Manique de Albuquerque	140
<i>Crónica Brasileira</i> — C. Schutel	143
<i>Crónica Estrangeira</i> — (Plantas adivinhatórias) — Pedro Cardia	146
<i>Factos Supranormais</i> — Um caso de pneumatofonia — Fragrância de flores sem apports	149
<i>Boletim da Federação Espírita Portuguesa</i> — A Direcção	151
<i>Noticiário</i>	157
<i>Sobre a Palingénese</i> — (Ensaio) — António L. Vilela	161
<i>Ciencia y Filosofia</i> — Dr. D. Rodolfo Boero	177
<i>Naturismo</i> — II — José A. Manique de Albuquerque	180
<i>III Congresso Internacional de Investigações Psíquicas</i>	183
<i>Conselheiro Dr. João José da Silva</i> — A Comissão Directiva	187
<i>Crónica Estrangeira</i> — (Melagnomia) — Pedro Cardia	188
<i>Noticiário</i>	194
<i>Lei Aurea de Cristo</i> — Dr. António J. Freire	201
<i>A Glória de Vencer</i> — D. Maria O'Neill	205
<i>Propaganda Espírita</i> — Pedro Cardia	207
<i>A Morte</i> — Dr. José de Barros e Sousa	213
<i>As Justiças</i> — Capitão Augusto Flores	215
<i>Naturismo</i> — III — José A. Manique de Albuquerque	216
<i>Crónica Estrangeira</i> — (O médium Margery) — Pedro Cardia	221
<i>Factos Supranormais</i> — D. Madalena Frondoni Lacombe	226
<i>Federação Espírita Internacional</i>	228
<i>Bibliografia</i>	231
<i>Catolicismo e Espiritismo</i> — António L. Vilela	232
<i>Noticiário</i>	235